

TRUMP E UM MUNDO PÓS-VERDADE

Uma autocorreção evolucionária

KEN WILBER

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega Filho

PARTE I – UMA VISÃO GLOBAL	1
<i>Resumo do espectro de desenvolvimento</i>	6
<i>O nascimento de uma cultura pós-verdade</i>	11
<i>Uma nova e alarmante crise de legitimação</i>	13
PARTE II – O TERRITÓRIO	16
<i>Não há verdade e não há emprego: "ressentimento"</i>	16
<i>Estágios de desenvolvimento e partidos políticos</i>	19
<i>O reverberante campo mórfico antiverde</i>	22
<i>Os estágios e dimensões ativados pelas ações atuais de Trump</i>	25
<i>A causa fundamental – e a cura – da opressão</i>	26
PARTE III – O FUTURO IMEDIATO	32
<i>Para onde vamos agora?</i>	32
<i>Hierarquias de dominação e hierarquias de crescimento</i>	36
<i>O que o Verde deve aprender para ser uma vanguarda genuína</i>	39
<i>Outro modo de avançar: verdadeiramente integral</i>	49
<i>O futuro provável</i>	52

(Publicado no site www.integrallife.com em janeiro de 2017.)

[O texto a seguir é apresentado em três partes: Uma Visão Global, O Território, O Futuro Imediato. Intencionalmente, não incluí referências bibliográficas acadêmicas. Se houver interesse, elas sempre poderão ser pesquisadas no *Google*; e, se você o fizer, tenha em mente o que realmente está envolvido no processo de busca – algo que ficará claro ao longo da leitura. KW]

PARTE I – UMA VISÃO GLOBAL

No cômputo geral, a resposta à recente eleição de Donald Trump para Presidente dos Estados Unidos tem sido radical, visceral e extremamente ruidosa, em ambos os lados. Os adeptos de Trump têm sido frequentemente desagradáveis e mesquinhos em sua atitude triunfal, dizendo "Eu avisei!" e "Bem feito!", regozijando-se com a inesperada, mas, acham eles, totalmente justa e legítima vitória. O lado anti-Trump tem sido, se isto é possível, ainda mais ruidoso, com as pessoas em lágrimas contando como vomitaram, gritaram, passaram seguidas noites insones, tudo menos desistir da democracia e de qualquer tipo de idealismo (muitas prometeram deixar o país se Trump ganhasse), achando sua eleição uma vitória do ódio, do racismo, do sexismo, da xenofobia e de extremo mau gosto – para, em seguida, em geral, jurar continuar "a luta" e exortar seus concidadãos a aliar-se a elas e nunca desistir.

Ambos os lados, na minha opinião, estão presos a visões muito estreitas. Há um quadro maior operando aqui, e eu gostaria de esboçar qual poderia ser. Eu nunca ouvi esse ponto de vista que irei descrever ser expresso por alguém, mas acredito que ele represente uma visão mais ampla e mais integral, e como tal, possa ser bastante esclarecedor – e libertador. A dor e o sofrimento que os dois lados sentem são, creio eu, resultado da identificação com uma visão muito limitada, e uma postura mais expansível oferece um alívio genuíno – ao mesmo tempo que permite que se trabalhe em qualquer lado desejado.

De vez em quando, à luz de novas informações sobre como seu caminho está se desdobrando, a evolução tem de ajustar o rumo, e começa (aparentemente de forma espontânea, mas com um campo mórfico mais profundo realmente operando), a fazer vários movimentos que são, na verdade, realinhamentos evolucionários autocorrigíveis. A vanguarda da evolução cultural é hoje – e tem sido por quatro ou cinco décadas – a onda verde ("Verde" significa o estágio básico de desenvolvimento humano a que vários modelos de desenvolvimento se referem como pluralista, pós-moderno, relativista, individualista, de autorrealização inicial, de vínculos humanos, multicultural, etc. – e genericamente conhecido como "pós-moderno"). O principal objetivo da vanguarda da evolução é apenas esse: ser a VANGUARDA do desdobramento evolutivo, o que Maslow chamou de uma "extremidade crescente" – ela procura (isto é, parte do seu contexto de seleção recompensa a descoberta de) áreas que são as formas mais apropriadas, mais complexas, mais inclusivas e mais conscientes possíveis naquele momento e ponto de evolução específicos (em

termos Integrais, a forma que melhor se ajusta ao desdobramento em curso da matriz AQAL¹ em todos os seus elementos).

No início da década de 1960, o Verde começou a emergir como uma grande força cultural e logo ultrapassou o Laranja (que era o estágio de liderança anterior, conhecido em vários modelos como moderno, racional, razão, operacional formal, conquista, realização, mérito, lucro, progresso, consciencioso) como a vanguarda dominante. Ele começou com uma série de formas saudáveis e muito apropriadas (e evolucionariamente positivas) – o movimento maciço de direitos civis, o movimento ambiental mundial, a ascensão do feminismo pessoal e profissional, o crime de ódio, uma maior sensibilidade a todas as formas de opressão social de praticamente qualquer minoria e, centralmente, a compreensão do papel crucial do "contexto" em qualquer afirmação de conhecimento e o desejo de ser o mais "inclusivo" possível. Toda a revolução dos anos 60 foi impulsionada, principalmente, por esse estágio de desenvolvimento (em 1959, 3% da população estavam no Verde, em 1979, perto de 20% da população) e esses eventos realmente mudaram o mundo irrevogavelmente. Os Beatles (considerados sacrossantos em minha opinião) resumiam o movimento inteiro (e suas ações) em uma de suas canções: "All you need is love" (inclusão total é o lance!).

Mas à medida que as décadas passavam, o Verde começou a mudar, cada vez mais, para formas extremas, desastradas, disfuncionais, até claramente doentias. Seu pluralismo de mente aberta caiu em um excessivo e desenfreado relativismo (colapsando em niilismo), e a noção de que toda verdade é contextualizada (ou ganha significado a partir de seu contexto cultural) escorregou para a noção de que não existe verdade universal, apenas interpretações culturais mutáveis (o que, no fim, desembocou em um difundido narcisismo). Noções centrais (que começaram como importantes conceitos "verdadeiros, mas parciais", mas ruíram em visões extremas e profundamente contraditórias) incluíam as ideias de que todo conhecimento é, em parte, uma construção cultural; todo conhecimento está ligado ao contexto; não há perspectivas privilegiadas; o que se considera "verdade" é um padrão cultural, e é quase sempre imposto por uma ou outra força opressora (racismo, sexismo, eurocentrismo, patriarcado, capitalismo, consumismo, ganância, exploração ambiental); o total, absolutamente único e absolutamente igual, valor de cada ser humano, muitas vezes incluindo animais (igualitarismo). Se houvesse uma linha que resumisse a essência de praticamente todos os escritores pós-modernos (Derrida, Foucault, Lyotard, Bourdieu, Lacan, de Man, Fish, etc.), seria que "não há verdade". Verdade, com mais propriedade, era uma construção cultural e o que qualquer pessoa realmente chamasse de "verdade" era simplesmente o que alguma cultura, em algum lugar, tivesse conseguido convencer seus membros de que era certo – mas não há uma coisa de fato existente, dada, real, chamada "verdade" que esteja, simplesmente, por aí aguardando ser descoberta, da

¹ Acrônimo de "All Quadrants, All Levels" que "resume" a Metateoria Integral: Todos os Quadrantes, Todos os Níveis, Todas as Linhas, Todos os Estados, Todos os Tipos. (N.T.)

mesma forma que não existe um comprimento de bainha único, universalmente correto, a ser descoberto pelos costureiros.

Desse modo, acabou valendo o seguinte para os pós-modernistas: todo conhecimento é culturalmente vinculado; não existe uma perspectiva universalmente válida; logo, todo conhecimento se baseia numa mera interpretação proclamada a partir de uma perspectiva privilegiada (portanto, opressora); o conhecimento não é dado, mas sim construído (criado, estabelecido, fabricado); não há nada a não ser história e, portanto, o que qualquer cultura assume como "verdade" hoje mudará, dramaticamente, amanhã; não há uma estrutura moral universal – o que é verdadeiro para você é verdadeiro para você, e o que é verdadeiro para mim é verdadeiro para mim – e nenhuma dessas afirmações pode ser questionada por qualquer motivo, sob pena de ser considerada opressão; o mesmo vale para valor: nenhum valor é superior a outro (outra versão do igualitarismo); e se alguma verdade ou valor é reivindicado como universal, ou reivindicado como legítimo e importante para todos, a reivindicação nada mais é do que o poder disfarçado, tentando forçar todas as pessoas, em todos os lugares, a adotar a mesma verdade e os mesmos valores do promotor (com o objetivo final de escravizar e oprimir); portanto, é dever de cada indivíduo, hoje, lutar contra todas as verdades autoritárias apresentadas a ele, ontem, e de ser, total e radicalmente, autônomo (bem como não entreter quaisquer verdades próprias que possam ou devam ser impingidas a qualquer outra pessoa, permitindo que todos também tenham sua própria autonomia radical – em suma, não cultivar nada chamado "verdade", o que agora é visto como sendo sempre um apego ao poder). Você simplesmente desconstrói cada verdade e valor que encontrar (o que, mais uma vez, em geral descambou para o niilismo e seu companheiro de luta no inferno pós-moderno, o narcisismo). Em resumo, a loucura a perspectiva de que "não há verdade" não deixou nada além do que o niilismo e o narcisismo como forças motivadoras.

A "catch-22"² aqui foi que, na verdade, o pós-modernismo não acredita em uma única dessas ideias. Ou seja, os próprios pós-modernistas violaram, constantemente, seus próprios princípios em sua própria escrita, e eles fizeram isso consistentemente e com frequência. Críticos (de Jürgen Habermas a Karl Otto Apel a Charles Taylor) logo saltaram sobre eles por cometer a chamada "contradição de desempenho", que é uma contradição importante porque você faz o que diz que não pode ou não deve ser feito. Para os pós-modernistas, todo conhecimento é não universal, contextual, construtivista, interpretativo – encontrado apenas em uma determinada cultura, em um dado momento histórico, em um determinado local geopolítico. Infelizmente para os pós-modernistas, cada uma das suas afirmações resumidas no parágrafo anterior foi agressivamente sustentada como verdadeira para todas as pessoas, em todos os lugares, em todos os momentos – sem exceções. Sua teoria completa é uma Grande Narrativa sobre por que todas as Grandes Narrativas estão erradas, uma metanarrativa muito ampla sobre por que todas as metanarrativas são

² Armadilha, situação sem saída. Título do romance de Joseph Heller que deu origem ao aclamado filme "Ardil-22" de 1970. (N.T.)

opressoras. Eles, definitiva e muito fortemente, acreditam que é universalmente verdadeiro que não há verdade universal. Eles acreditam que todo conhecimento está ligado ao contexto, exceto esse seu conhecimento, que é sempre, e em todos os lugares, transcontextualmente verdadeiro. Eles acreditam que todo conhecimento é interpretativo, exceto o deles, que é solidamente dado e descreve com precisão as condições em todos os lugares. Eles acreditam que sua visão é totalmente superior em um mundo onde também acreditam completamente que nada seja superior. Opa!

Começando há mais de duas décadas com o livro *Sex, Ecology, Spirituality*, resumi esse desastre pós-moderno pela expressão "loucura aperspectiva", porque a crença de que não existe nenhuma verdade – que nenhuma perspectiva tem validade universal (a parte "aperspectiva") – quando levada a extremos, como o pós-modernismo estava prestes a fazer, resultou em maciças autocontradições e incoerência total (a parte "loucura"). E quando a loucura aperspectiva infecta a vanguarda da evolução, a capacidade dela de se autodirigir e de se auto-organizar colapsa.

Atualmente, é amplamente reconhecido que o pós-modernismo, como filosofia, está morto; e estão começando a aparecer livros em toda parte sobre "O que virá a seguir?" (sem um vencedor claro por enquanto, mas a tendência é para visões mais evolutivas e mais sistêmicas – mais integrais). Mas na academia e nas universidades, é uma morte longa e lenta, e os professores, em sua maioria, ainda ensinam alguma versão do pós-modernismo e sua loucura aperspectiva, mesmo que tenham muitas dúvidas profundas. (Porém, é interessante notar que praticamente cada grande modelo de desenvolvimento, existente hoje, contém, além do estágio geralmente conhecido como "pluralista", pelo menos um ou dois estágios, variadamente chamados de "integrado", "sistêmico", "integral" ou algo assim, que superam as limitações de um pluralismo colapsado por meio de um nível mais elevado de totalidade e unidade, retornando, desse modo, a uma genuína "ordem a partir do caos". Atualmente, apenas 5% da população estão em algum desses estágios integrais, mas as evidências mostram claramente que, amanhã, a evolução finalmente os atingirá – se conseguir sobreviver à transição atual.)

E assim, o pós-modernismo, como um difundido ponto de vista de vanguarda, escorregou para suas formas extremas (por exemplo, não apenas que todo conhecimento está ligado ao contexto, mas que todo conhecimento *nada mais é* que contextos mutáveis; ou não apenas que todo conhecimento é cocriado pelo conhecedor e por várias características intrínsecas, subsistentes, do conhecido, mas que todo conhecimento *nada mais é* que uma construção social fabricada e impelida apenas por poder). Quando não apenas todos os indivíduos têm o direito de escolher seus próprios valores (desde que não prejudiquem os outros), mas que não há nada universal (ou mantido em comum) por quaisquer valores, o que leva diretamente ao niilismo axiológico – não há valores reais, críveis, em nenhum lugar. E quando toda verdade é uma ficção cultural, portanto, simplesmente não existe verdade alguma – o niilismo epistêmico e ôntico. E quando não há normas morais vinculantes em nenhum

lugar, há apenas niilismo normativo. Niilismo sobre niilismo sobre niilismo – "não há profundidade em lugar algum, apenas superfície, superfície, superfície". E, finalmente, quando não há diretrizes vinculativas para o comportamento individual, o indivíduo responde apenas a suas próprias vontades e desejos de autopromoção – em suma, narcisismo. E é por isso que as elites pós-modernas mais influentes acabaram abraçando, explícita ou implicitamente, aqueles dois companheiros de luta do inferno pós-moderno: niilismo e narcisismo – em resumo, a loucura aperspectiva. A cultura da pós-verdade.

Houve muitas respostas para essa loucura aperspectiva – como um campo de vanguarda geral, de fundo, morfogênético, poucas áreas da sociedade não foram diretamente afetadas – e exploraremos várias delas nesta visão geral. Mas a principal força motriz por trás de todas, o agente causador fundamental, foi que a vanguarda da evolução começou a errar demais, de forma óbvia e frequente. Quando a vanguarda não tem ideia do rumo a seguir, é natural que não saiba absolutamente para onde ir. Quando nenhuma direção é verdadeira (porque não há verdade), nenhum rumo pode ser escolhido e, portanto, nenhum caminho é tomado – o processo sofre uma parada brusca, fica congestionado, entra em colapso. *Niilismo e narcisismo não são traços a partir dos quais uma vanguarda consiga funcionar de fato.* E assim, se infectada por eles, ela simplesmente deixa de operar funcionalmente. Infiltrada pela loucura aperspectiva, ela paralisa e, então, começa uma série de movimentos regressivos, retornando a um tempo e a uma configuração em que, essencialmente, estava funcionando adequadamente como uma verdadeira vanguarda. E essa regressão é um dos principais fatores que vemos agora operando em todo o mundo. E a causa primária e central de tudo isso é a incapacidade de liderança da vanguarda verde. O niilismo e o narcisismo levam a evolução a um engarrafamento. Este é um movimento autorregulador e necessário, à medida que a própria corrente evolucionária dá um passo atrás, reavalia e reconfigura, um movimento que muitas vezes inclui vários graus de regressão temporária ou reanálise de seus passos para encontrar o ponto de início do colapso e remodelar-se a partir dele.

(Em geral, os biólogos evolutivos tendem a negar qualquer tipo de direcionamento ou impulso teleológico à evolução, vendo-a como uma série aleatória de eventos escolhidos por uma seleção natural cega. Mas isto é apenas um resquício do materialismo científico reducionista do século XIX. São negligenciados conceitos científicos mais atuais que, começando pelas descobertas de Ilya Prigogine [estruturas dissipativas] que lhe renderam um Prêmio Nobel, mesmo os sistemas materiais não sencientes têm um impulso inerente para a auto-organização. Quando sistemas físicos são levados para "longe do equilíbrio", eles escapam do caos saltando para um nível mais elevado de organização conhecido simplesmente como "ordem a partir do caos" – como a água que está caoticamente fluindo pelo ralo, de repente, transforma-se em um perfeito sorvedouro espiralado. Se a matéria inanimada possui inerentemente esse impulso para a auto-organização e para a ordem a partir do caos, os sistemas vivos certamente têm – e isso, com certeza, inclui a evolução – uma pulsão que os filósofos frequentemente chamam de "Eros", uma dinâmica

intrínseca rumo a uma maior totalidade, unidade, complexidade e consciência. Mas esta "ordem a partir do caos" é exatamente o que a vanguarda verde não conseguiu alcançar. Se ela produziu alguma coisa, foi "mais caos a partir do caos". Ela não tinha a mínima ideia de qual seria a ordem verdadeira por onde começar – todas as "metanarrativas" foram, completa e agressivamente, desconstruídas. Como nada era verdade, tampouco poderia haver uma ordem verdadeira e, portanto, nenhuma direção preferível para seguir adiante. E assim, à medida que a vanguarda da evolução colapsou em uma contradição de desempenho, perdida na loucura aperspectiva, a própria evolução fechou, temporariamente, a porta com força e começou vários movimentos – incluindo uma regressão e a busca de um ponto mais firme por onde recomeçar um verdadeiro processo de auto-organização.)

Quais estágios anteriores estão disponíveis para esta regressão? Para responder a esta pergunta, precisamos de um breve resumo do espectro de desenvolvimento global até hoje (a síntese a seguir é o resultado de uma metanálise de mais de cem modelos de desenvolvimento diferentes, apresentando as características mais comuns de todos eles [ver Wilber, *Psicologia Integral*]. As pessoas que estão familiarizadas com a Teoria Integral podem pulá-lo ou simplesmente lê-lo como recapitulação, e os principiantes podem considerá-lo uma breve introdução a uma das mais marcantes e duradouras descobertas do século XX, aceita por especialistas de todo o mundo que estudaram em profundidade a imensa quantidade de evidências).

Resumo do espectro de desenvolvimento

Os estágios iniciais são conhecidos como "egocêntricos", porque neles os indivíduos ainda não conseguem assumir o papel do outro, ou ver claramente o mundo através dos olhos de outra pessoa, nem "caminhar uma milha com os meus sapatos". As primeiras sociedades humanas (e aqui estamos falando de populações autóctones originais, cerca de meio milhão de anos atrás, e não de alguma população indígena existente hoje, que continuou a evoluir) eram tribais (e coletivamente egocêntricas), com uma capacidade de carga ecológica de cerca de 40 pessoas. O pensamento geral era impregnado de fantasia (ou "cognição pré-operacional") e, frequentemente, é chamado de "mágico (como no vodu, onde se você fizer um boneco representando uma pessoa real e enfiar um alfinete nele, a pessoa será "magicamente" ferida; se você executar uma dança da chuva, a natureza será forçada a chover): a identidade é, de fato, egocêntrica. Quando as tribos se encontravam (o que em muitos lugares, originalmente, era raro), não sabiam como interagir, uma vez que a principal forma de relacionamento claramente compreendida era a de sangue ou parentesco, e as tribos não se relacionavam; muitas vezes havia guerra, ou se escravizava a outra tribo (cerca de 15% das tribos primitivas tinham escravos e, com a recente revisão acadêmica de visões altamente românticas, constatou-se que a guerra era comum).

À medida que o desdobramento evolucionário continuou, através de vários estágios intermediários, um marco importante foi o surgimento de um estágio cognitivo mais complexo, que o gênio desenvolvimentista Jean Gebser chamou de "mítico" (o "operacional concreto" de Piaget ou o "mítico-literal" de James Fowler), que impulsionou a maioria das formas de religião fundamentalista que surgiram em quase todos os lugares naquela época – uma versão cristã do mítico-literal, por exemplo, acredita que cada palavra da Bíblia é, absoluta e literalmente, verdadeira, a palavra do próprio Deus, de forma que Moisés realmente abriu o Mar Vermelho, Cristo realmente nasceu de uma virgem biológica, e assim por diante). Aqui, surgiu a compreensão de que os seres humanos simplesmente não possuíam nenhum verdadeiro poder mágico ou miraculoso (quanto mais os humanos tentavam a magia, mais descobriam que ela não funcionava), mas a magia era muito atraente para ser totalmente abolida de uma vez. Ao invés, ela foi transferida para uma hoste de seres sobrenaturais – deuses, deusas e espíritos elementais – seres esses que poderiam exercer a magia. Além disso, se você soubesse abordá-los corretamente, eles a fariam em seu nome – e, assim, o poder mágico deslocou-se do eu para várias figuras míticas de deuses (daí a transformação do período "mágico" para o grande período "mítico", que começou por volta de 10.000 a.C.).

Neste estágio, com sua capacidade cognitiva mais complexa, o indivíduo também foi capaz de, pela primeira vez, "assumir o papel do outro", clara e amplamente, e assim sua identidade primária pôde mudar do eu para um grupo (ou grupos), não apenas para uma tribo autocontida, mas para uma megatribo, um império de dezenas ou mesmo centenas de tribos, uma nação, uma religião particular que incluía milhões, um partido político, e assim por diante – sua identidade expandiu-se do *egocêntrico* para o *etnocêntrico* (baseada em raça, cor, sexo, credo, etc.). Este estágio, ancorado na identificação com um grupo específico, em oposição a todos os outros, apresenta uma forte mentalidade "nós contra eles". Normalmente, seu próprio grupo é visto como – e acredita profundamente que é – especial, seletivo, o povo escolhido, até mesmo divino, identificado pelo próprio Deus como o único e verdadeiramente santificado grupo do mundo – todos os outros são infiéis, apóstatas, ímpios, até mesmo demoníacos, e, geralmente, relacionados ao inferno ou a reencarnações sem fim. E, em especial, historicamente, quando este estágio etnocêntrico surgiu pela primeira vez, não era pecado matar infiéis – na verdade, sendo um "outro" completamente diferente, eles não tinham alma, e matá-los não era apenas bom, mas, em geral, recomendável, uma vez que isto os faria retornar ao único Deus verdadeiro que eles negavam tão ignobilmente nesta vida. A atitude geral desta fase, sob inúmeros nomes diferentes, é *jihad* – guerra santa. A abordagem correta para um descrente, em ordem crescente de severidade, é: convencê-lo, convertê-lo, torturá-lo ou matá-lo; deixá-lo à mercê de suas crenças equivocadas é impiedade e deve ser evitada a todo custo. A capacidade de expansão deste estágio (inclusive a transformação da consciência egocêntrica para a consciência etnocêntrica, levando à formação de várias supertribos vinculadas a uma crença, conjunto de regras e leis, religião e/ou autoridade comuns) acarretou a união de muitas tribos em grupos multiassociativos, resultando, de

uma forma ou de outra, em sólidos impérios diversificados – e a era das civilizações tradicionais clássicas e da fundação das Grandes Religiões (Míticas) estendeu seu manto sobre nós. A escravidão, a guerra e a tortura atingiram seu zênite; durante esta era mítico-etnocêntrica, cerca de 80-90% das culturas do Oriente e do Ocidente tiveram escravidão, uma vez que um grupo ou megagrupo favorecido tinha os outros seres humanos nas mãos (e as Grandes Religiões também prometiam a salvação – mas somente se você acreditasse na sua versão do Espírito e adotasse seu caminho para a "libertação" – afinal, elas representavam o povo escolhido pelo único Deus verdadeiro).

(Esse estágio "âmbar" começou através de formas de transição, tais como o estágio "mágico-mítico" ou as culturas "guerreiras" do estágio vermelho, por volta de 10.000 a.C.; e a ascensão das grandes civilizações mítico-associativas começou por volta de 3.000 a.C., atingindo o auge por volta de 1.400 d.C. No mundo de hoje, a criança nasce em estágios mágicos ou "arcaicos" e egocêntricos bem primitivos, que dominam dos 1 aos 3 anos, faz a transição para o mágico-mítico em torno dos 4 aos 8 anos e, em seguida, para o mítico-etnocêntrico, que emerge, aproximadamente, entre 6 e 11 anos – com diversos subestágios. Adultos podem "empacar" ou "fixar-se" em quaisquer desses estágios ou subestágios iniciais. Uma pesquisa de Robert Kegan, da *Harvard Graduate School of Education*, mostra que 3 entre 5 – ou 60% dos – americanos permanecem em estágios etnocêntricos ou inferiores. Se você acha que este estágio *etnocêntrico* – com suas tendências para o racismo, sexismo/patriarcado, misoginia, dominação megatribal, opressão e religião fundamentalista – lembra um pouco o *hardcore* dos republicanos de extrema-direita, e que ele tende a empurrá-lo para um território conhecido por Trump, você está certo.)

À medida que a evolução prosseguia, surgiu a capacidade de assumir-se uma perspectiva de 3ª-pessoa (ou a capacidade de pensar em modos globais, relativamente objetivos e "universais"), e não apenas em modos de 2ª-pessoa. Este foi um avanço impressionante que começou a aparecer de forma culturalmente ampla no Renascimento e veio a se concretizar no Iluminismo (que, como todos os estágios, teve aspectos positivos e negativos; essa expansão de identidade para uma forma mais inclusiva e menos opressora foi muito positiva). Esse estágio "laranja" marcou o surgimento do período geralmente conhecido como "modernidade" e, entre muitas outras coisas, significou a explosiva entrada em cena do que seria conhecido como as "ciências modernas" – a química moderna, a física moderna, a astronomia moderna, a biologia moderna, e assim por diante. Considerando tudo, essas ciências acrescentaram cerca de três décadas ao tempo médio de vida em todo o mundo, geraram uma economia global de livre mercado, incentivaram o nascimento do estado-nação, acabaram com a maioria das doenças infecciosas que matavam regularmente metade da população em todo o mundo e mandaram homens à lua. Este estágio evolutivo também significou que a identidade pode se expandir da identificação *etnocêntrica* ("meu grupo específico") para a identificação *mundicêntrica* ("todos os grupos" ou "todos os humanos"), que se esforça por considerar todas as pessoas – não apenas um grupo especial, mas *todos* –

independentemente de raça, cor, sexo ou credo. Esta foi uma assombrosa mudança de valores – do etnocêntrico centrado no grupo para o mundicêntrico centrado em todos os seres humanos – e por esta razão, em um período de cem anos (aproximadamente entre 1770-1870), a escravidão foi proibida em todas as sociedades mundicêntricas, racionais, modernas, do planeta – a primeira vez na história humana que isto aconteceu (e que é um fato fundamental a ser lembrado).

(Esse estágio, que a Metateoria Integral chama genericamente de "Laranja", é diversamente conhecido como razão, racional, operacional formal, conquista, realização, mérito, progresso, consciencioso, e marca o início dos estágios mundicêntricos. A maioria dos americanos, mesmo que seu centro de gravidade permaneça em um dos estágios anteriores, atinge a capacidade de, pelo menos, pensar a partir deste estágio laranja. Essa possibilidade racional mundicêntrica surge, hoje, na adolescência, embora, novamente, se alguém realmente abraça ou não esse estágio como identidade central varie consideravelmente. A maioria, embora não todos, alcança pelo menos um estágio mítico-etnocêntrico como identidade central – cerca de 60%, como vimos; após ele, as coisas começam a divergir consideravelmente.)

Como observamos no início deste texto, o estágio racional-moderno manteve-se na vanguarda da evolução até quando, nos anos sessenta, o estágio seguinte ao moderno – ou seja, o "pós-moderno" – começou a emergir em uma escala significativa. Na verdade, o materialismo laranja, racional, empresarial, científico começou a falhar como vanguarda adequada. Ele havia reduzido todo o conhecimento a "conhecimento-isso", ou a metodologia objetivista, materialista, industrializada, e, da profunda trindade "o Bom, o Verdadeiro e o Belo", havia abandonado completamente o Bom e o Belo (uma catástrofe conhecida como o "desencantamento do mundo" e o "universo desqualificado", pois reduziu quase tudo a realidades confirmadas pela ciência da física sensório-motora). Ele acreditava essencialmente na moralidade mundicêntrica – ou na ideia de que todas as pessoas têm valor intrínseco, independentemente de raça, cor, sexo ou credo, e que, econômica e socialmente, todos merecem oportunidades iguais; o valor, em geral, também se relaciona ao mérito demonstrado – mas suas crenças foram consistentemente minadas por sua fanática tendência para o positivismo. E, desastrosamente, criou sistemas de convivência social que, embora incluíssem a moral mundicêntrica, permitiram que estágios etnocêntricos, e até mesmo egocêntricos, a sequestrassem (e muitos negócios científico-capitalistas começaram a fazer exatamente isso, com ganância desenfreada e concorrência ruínosa, por meio de um "darwinismo social").

Mas o estágio pós-moderno – o "Verde" na Metateoria Integral – trouxe uma perspectiva de 4ª-pessoa, digna de nota, para a existência, tendo a capacidade de refletir sobre – e analisar criticamente – as produções "globais" de 3ª-pessoa; e é aqui que o pós-modernismo verde (assim chamado porque veio depois das, e refletiu sobre as, produções do modernismo laranja) decidiu que a mentalidade racional moderna tinha, de muitas maneiras, saído do rumo

de forma destrutiva e contraproducente. E daí surgiram o movimento dos direitos civis, o movimento ambiental mundial (que se tornou maior do que qualquer partido político em qualquer lugar do planeta), o feminismo pessoal e profissional, o movimento de sustentabilidade (nos negócios e em outras atividades) – a que eu me refiro como "as muitas dádivas do Verde".

E, no entanto, no decorrer desse processo, impulsionado em grande parte (embora, muitas vezes, inconscientemente) por argumentos misteriosos da academia, o pós-modernismo pluralista, originalmente sadio, transformou-se gradativamente em um relativismo extremado, exagerado, autocontraditório, totalmente disfuncional, que logo colapsou, quase inteiramente, em niilismo e narcisismo. É da natureza do estágio de vanguarda que seus valores, embora sejam diretamente adotados apenas pelo próprio estágio, tendam a permear ou infiltrar-se na cultura em geral. (Por exemplo, quando a vanguarda era o Laranja racional, cujos valores mundicêntricos ou "todos os seres humanos tratados igualmente" incluíam, inerentemente, uma postura antiescravagista, a Guerra Civil foi travada na América e cerca de um milhão de brancos morreram na luta para acabar com a escravidão negra; no entanto, não muito mais do que 10% da população estava realmente no estágio laranja, mas esse valor havia se infiltrado em toda a cultura do Norte e muitos estavam dispostos a morrer por ele – como muitos outros também se dispuseram a morrer nas Revoluções Francesa e Americana, que marcaram a derrubada da monarquia/aristocracia âmbar e o advento da democracia laranja.)

Mas essa "infiltração" acontece seja o valor permeado realmente bom ou ruim – e uma infiltração realmente estúpida é a que o Verde recente, disfuncional e doentio, proporcionou à cultura mundial – isto é, "não há verdade". A postura pós-verdade começou a permear toda a cultura e, em muitos aspectos, fincou pé, global e seriamente, de uma forma que pegou o Laranja (e o próprio Verde sadio) totalmente de guarda baixa (eles ainda não fazem ideia de onde ela surgiu nem de como enfrentá-la, por causa de uma vanguarda acéfala que é, em si, a verdadeira fonte do problema).

Voltaremos à cultura pós-verdade – e a suas múltiplas catástrofes –, mas agora, permita-me concluir os importantes marcos do desenvolvimento humano até hoje, porque, embora o Verde seja o principal estágio de vanguarda da atualidade (com cerca de 20-25% da população), há um estágio mais elevado, já mencionado brevemente, que começou a emergir em um número ainda pequeno de indivíduos. Cerca de duas ou três décadas atrás, os pesquisadores começaram a notar o surgimento de um estágio que, em seus contornos reais, era muito confuso. Os principais estágios até então tinham uma característica comum: cada um achava que sua verdade e seus valores eram os únicos reais – todos os outros estágios eram mal orientados, infantis, estúpidos ou simplesmente errados. Mas este recente estágio apresentava uma qualidade radicalmente nova: acreditava que todos os estágios anteriores tinham algum valor, que todos eram importantes e que todos deveriam ser incluídos em qualquer abordagem que se propusesse a ser abrangente, inclusiva e verdadeiramente integrada. Por esta razão, ele foi, usualmente, chamado de

"integrado", "sistêmico", "integral", e assim por diante. E marcou um tipo de estágio evolutivo surpreendentemente novo e radicalmente diferente, único em toda a história da humanidade. Clare Graves,³ um desenvolvimentista pioneiro, referiu-se a ele como "cataclísmico" e um "salto monumental de significado". Como observado, cerca de 5% da população atingiu este estágio no nosso desenvolvimento em curso (teremos mais a dizer sobre ele daqui a pouco).

O nascimento de uma cultura pós-verdade

Voltemos à cultura pós-verdade que um Verde sucumbido nos legou. Os promotores do *Brexit* admitiram abertamente que impingiram ideias que sabiam não ser "verdadeiras", mas o fizeram "porque efetivamente não existem fatos" e o que interessa é "que realmente acreditamos nisso" (como confessou abertamente um deles: "Eu li meu Lacan – o que vale é quem controla a narrativa" – Lacan é um líder da pós-modernidade). Em outras palavras, o narcisismo é o fator decisivo – em uma cultura pós-verdade, o que eu quero que seja verdadeiro é verdadeiro. Trump nem sequer tenta esconder isso; ele mente com naturalidade e satisfação. O repórter Carl Bernstein, famoso pelo caso Watergate, declarou que "Trump vive e prospera em um ambiente sem fatos. Nenhum presidente, incluindo Richard Nixon, ignora e despreza tanto os fatos como o presidente eleito".

Durante a campanha de Trump, havia jornais que contavam o número de mentiras factuais que ele falava diariamente. "Ontem, foram 17 mentiras. Hoje, foram 15." E, no entanto, as pesquisas mostravam, consistentemente, que as pessoas achavam que Trump era "mais verdadeiro" do que Hillary Clinton (que, por mais que estivesse envolvida por uma atmosfera de "corrupção", como muitos acreditavam, nunca partiu, explícita e descaradamente, para a mentira ou, com certeza, não no nível de Trump). Mas as pessoas já haviam feito a transição da "verdade factual" para "o que eu digo é a verdade", e Trump disse sua "verdade" com muito mais convicção e paixão do que Hillary - e assim, em uma cultura sem verdade, Trump é o "mais verdadeiro". Em uma cultura de niilismo, em uma atmosfera de loucura aperspectiva, onde não há verdade real, a verdade torna-se o que desejo com mais fervor: o narcisismo é o determinante-chave em um mar de niilismo.

(Note-se que os *Boomers* – as crianças dos anos sessenta – eram muitas vezes chamados de "geração eu" e uma de "cultura de narcisismo". E, em comparação com as gerações anteriores, isso tendia a ser bem verdadeiro. Mas à medida que os *Boomers* passaram a assumir o controle da educação neste país, mudaram-na significativamente para que enfatizasse, acima de tudo, um movimento não de "ensinar a verdade" – porque não há verdade – mas sim de promover a "autoestima". E o que eles descobriram – como uma reportagem de

³ Clare W. Graves (1914-1986) criou uma teoria de desenvolvimento humano que, posteriormente, serviu de base para a *Spiral Dynamics* [Dinâmica da Espiral] de Don Beck e Chris Cowan. (N.T.)

capa da revista *Time* relatou – é que a promoção da autoestima, sem ancorá-la em conquistas reais, simplesmente acaba aumentando o narcisismo. De fato, uma recente turma de pós-graduação apresentou maior pontuação em relação ao narcisismo do que qualquer outra desde o início do teste – cerca de 2 a 3 vezes maior do que a "geração eu/*boomer*" de seus pais! Uma ênfase narcisista em "eu em especial" já penetrou na cultura em geral. Entre muitos itens, vimos o surgimento da "cultura da *selfie*", que, notória e facilmente, alterou, até mesmo "photoshopou", a verdade individual; e, assim, as mídias sociais passaram a promover "mentiras agradáveis" e "falsidades reconfortantes".)

Enquanto isso, as elites da vanguarda cultural verde – o alto escalão de governo liberal, praticamente todos os professores universitários (da área de humanas), inovadores tecnológicos, profissionais do serviço social, a maioria dos meios de comunicação e de entretenimento, e líderes de pensamento altamente liberal – continuaram a insistir no pluralismo/relativismo verde – "o que é verdadeiro para você é verdadeiro para você, e o que é verdadeiro para mim é verdadeiro para mim" – tudo, em geral, com as melhores intenções, mas baseado em uma postura intrinsecamente contraditória em suas profundas limitações (se toda verdade é apenas verdade para mim ou verdade para você, então não há "verdade para nós" – ou verdades coletivas, universais e coerentes – e, assim, nessa atmosfera de loucura aperspectiva, foi montado o palco para uma cultura maciçamente fragmentada, que as torres de som e câmaras de eco das mídias sociais começaram, quase que exclusivamente, a promover e realçar).

Ora, o próprio Verde é um estágio mundicêntrico. Embora sinta-se teoricamente confuso sobre o que seja "mundicêntrico" (ou "universal") – isto é, acha que todos esses movimentos são opressores e impulsionados pelo poder – vimos que o pós-modernismo verde acredita piamente que o que diz é verdadeiro para todas as pessoas e não se aplica apenas a um grupo ou outro ("etnocêntrico"), aplica-se a todos os grupos, a todos os seres humanos ("mundicêntrico"). Mas sua confusa loucura aperspectiva, onde não se pode criticar qualquer valor particular (uma vez que todos são iguais), enseja que os indivíduos resvalam prontamente, até mesmo retrocedam, para posições etnocêntricas. E assim, as mídias sociais pós-modernas *on-line* passaram a regredir decididamente para grupos com inclinações etnocêntricas. O objetivo original da *Internet* era o de uma humanidade global, livre e unificada, liberta da opressão, da propriedade da informação, das estruturas de poder e de tendências isolacionistas em geral. A *Internet* foi proclamada como um singular e grandioso "cérebro global", aberta a todos e ativamente inclusiva.

O problema é que, se o cérebro era global (ou uma infraestrutura em rede única), as mentes que o usavam não eram. Como Douglas Rushkoff assinalou, a própria natureza do ambiente digital leva a tipos de decisões ou/ou (1 ou 0, clique aqui ou clique ali, escolha isto ou escolha aquilo). E o anonimato e a natureza de dissimulação da personalidade na troca *on-line* facilitaram o surgimento de tendências regressivas de agressão, narcisismo, ódio e de inúmeras crenças etnocêntricas exaltadas (sexismo, racismo, xenofobia,

fanatismo religioso, intolerância política); e sem nenhuma "verdade" disponível para desafiar esses movimentos, eles explodiram. A experiência *on-line* degenerou de uma unidade, de uma extensão de natureza aberta e de integração mundial, para impulsos etnocêntricos fechados, encaixotados, separatistas e mesquinhos. E eles transbordaram de nossos *smartphones* para a cultura em geral, 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Uma nova e alarmante crise de legitimação

O problema muito rapidamente descambou para o que a Metateoria Integral chama de "crise de legitimação", definida como um desajuste entre as crenças do Quadrante Inferior Esquerdo (ou cultural) e os sistemas do Quadrante Inferior Direito (ou social – realidades de fundo legítimas, como a base tecnoeconômica). A crença cultural era de que todos são criados iguais, que todas as pessoas têm direito, perfeito e igualitário, ao pleno empoderamento pessoal, que ninguém é intrinsecamente superior aos outros (crenças que floresceram com o Verde). No entanto, a realidade esmagadora mostrava, cada vez mais, ser a de uma desigualdade grave e crescente – em termos de renda e mérito, posse de bens, oportunidade de emprego, acesso à saúde, satisfação com a vida. A cultura, constantemente, nos dizia uma coisa, e as realidades sociais, constantemente, falhavam em concretizá-la – a cultura estava mentindo. Esta foi uma profunda e séria crise de legitimação – uma cultura que mente para seus membros simplesmente não consegue ir adiante por muito tempo. E se uma cultura não tem "nenhuma verdade", não tem ideia de quando está mentindo; assim, ela mente naturalmente tantas vezes quanto, acidentalmente, fala a verdade e, portanto, mais rápido do que você consegue falar "desconstrução", ela entra em crise de legitimação.

Quando se trata de desemprego e desigualdade de riqueza, a tecnologia de ponta também não ajuda. (Sem mencionar o fato de que o próprio capital, como Piketty ressaltou, é inerentemente tendencioso a favorecer os ricos e excluir os pobres). Mas a tecnologia, no Quadrante Inferior Direito, há muito tempo passou a se correlacionar com o estágio verde, no Quadrante Inferior Esquerdo. A "Era da Informação" verde acredita que todo conhecimento é igual, que deve ser totalmente livre e sem censura – tornou-se comum dizer que a *Internet* interpretava a censura como uma falha do sistema e a contornava. Mas os motores de busca não priorizam o conhecimento em termos de verdade, ou inclusividade, ou valor, ou profundidade, ou qualquer outro sistema de indexação, apenas em termos de popularidade e maior uso. A verdade não faz parte deles. O *Facebook* (que, finalmente, admitiu ter publicado diversas "notícias falsas" em sua plataforma, as quais, na opinião de muitos, ajudaram Trump a ganhar a eleição, e fez isso simplesmente porque seus algoritmos não foram criados para verificar a verdade, mas sim para satisfazer os desejos narcísicos do usuário) agora é confrontado, juntamente com todas as outras notícias *on-line*, com a necessidade de criar algoritmos que detectem e agrupem itens de "notícias falsas", o que será muito mais difícil de se fazer do que se imagina, devido ao *background* de "não há verdade" em que opera.

Em termos de busca em um oceano de loucura aperspectiva, não de verdade, bondade ou beleza – e, em especial, por contornar inteiramente a "verdade" e olhar apenas para a popularidade narcísica – o *Google*, recentemente, foi acusado exatamente da mesma deficiência – e aqueles que gritam "J'accuse!"⁴ estão maciçamente alarmados, e com razão.

Carole Cadwalladr, em um recente artigo do *The Guardian*, ressaltou que os algoritmos de busca do *Google* não refletem praticamente nada, a não ser a popularidade dos *sites* mais visitados na pesquisa. Não há nada que verifique se alguma das recomendações é realmente verdadeira (ou boa, ou bela, ou unificadora, ou integradora, ou qualquer outra qualidade) e expressa apenas a loucura aperspectiva de "nenhuma verdade a ser favorecida". Cadwalladr ficou particularmente alarmada quando digitou "Os judeus são ..." e antes que ela pudesse terminar, os motores de busca do *Google* forneceram as respostas mais prováveis, uma das quais foi "Os judeus são maus?". Curiosa, ela clicou nessa entrada e foi direcionada para a competente página do *Google* sobre as dez respostas mais comuns e populares, nove das quais diziam: "Sim, definitivamente, os judeus são maus."

Genuinamente surpresa – e preocupada – ela afirma: "O *Google* é conhecimento. É onde você vai buscar as coisas. E os judeus maus são apenas o começo disso. Há também mulheres más. Eu digito: 'as mulheres são' e o *Google* me oferece apenas duas opções, a primeira das quais é 'As mulheres são más?' Eu clico nela. Sim, elas são. *Cada um dos dez resultados 'confirma' que elas são*, incluindo o primeiro da lista, um *site* que está destacado em uma caixa: 'Toda mulher tem um quê de prostituta. Toda mulher tem um pouco de maldade. As mulheres não amam os homens, amam o que eles podem fazer por elas.'"

Com incredulidade e inquietação crescentes, ela continua, "Em seguida, eu escrevo: 'os muçulmanos são'. E o *Google* sugere que eu deva perguntar: 'Os muçulmanos são maus?' E aqui está o que eu descobri: sim, eles são. Isso é o que o primeiro resultado diz e seis dos outros também. O *Google* oferece-me duas novas buscas e eu escolho a primeira, 'O Islã é ruim para a sociedade'. Na próxima lista de sugestões, ele me oferece: 'O Islã deve ser destruído'."

Eis sua reação:

O *Google* é pesquisa. É expressão, "entrar no *Google*". É o que todos fazemos, o tempo todo, sempre que queremos saber alguma coisa. Nós buscamos no *Google*. O *site* lida com, pelo menos, 63 mil buscas por segundo, 5,5 bilhões por dia. Sua missão como empresa, o resumo em uma frase que é apresentado desde sua fundação, e ainda é a chamada do *banner* de sua página corporativa hoje, é "organizar as informações do mundo e torná-las universalmente acessíveis e úteis". Ele se esforça para dar-lhe os melhores e mais relevantes resultados.

⁴ "Eu acuso!" Referência ao famoso artigo do escritor Émile Zola, publicado em 13 de janeiro de 1898, por ocasião do julgamento do Caso Dreyfus. (N.T.)

Os judeus são maus. [As mulheres são más.] Os muçulmanos precisam ser erradicados. E Hitler? Você quer saber sobre Hitler? Vamos ao *Google*. "Hitler era mau?", eu digito. E aqui está o primeiro resultado do *Google*: 'Dez razões pelas quais Hitler foi um dos homens bons'. Eu cliço no link: "Ele nunca quis matar nenhum judeu"; "ele se preocupava com as condições dos judeus nos campos de trabalho". Oito dos outros dez resultados seguintes da pesquisa concordam.

O *Google* definitivamente não está "organizando as informações do mundo e tornando-as universalmente acessíveis e úteis". Ele está desorganizando as informações do mundo em uma atmosfera de loucura aperspectiva, levando a "diversidade" a um extremo tal, a ponto de todas as opiniões terem um direito igualitário e perfeitamente idêntico concernente à validade. É uma tecnologia de ponta profundamente desorientadora.

Genuinamente aflita, Cadwalladr contata Danny Sullivan, editor-fundador de www.SearchEngineLand.com. "Ele [Sullivan] me foi recomendado por vários acadêmicos como um dos mais experientes especialistas em busca. Estou sendo ingênua, eu lhe pergunto? Eu deveria saber que isto está rolando por aí? 'Não, você não está sendo ingênua', diz ele. 'Isto é medonho. O *Google* está fazendo um trabalho horrível disseminando respostas assim.' Ele também fica surpreso e digita 'as mulheres são' em seu próprio computador. 'Meu Deus! Esta resposta no topo. É um resultado destacado. É chamada de "resposta direta". Supõe-se ser indiscutível. *É o maior aval do Google*.' Que todas as mulheres têm um quê de prostituta? 'Sim. O algoritmo do *Google* está terrivelmente errado'."

E ele está "terrivelmente errado" porque a vanguarda de hoje praticamente não tem a mínima ideia do que significa "verdadeiramente correto". *The Guardian* destaca o problema global, salientando que isto não acontece somente com o *Google*, mas também com o *Facebook* e, na verdade, com a própria cultura da *Internet* em geral: "A câmara de eco da *Internet* sacia nosso apetite por mentiras agradáveis e falsidades tranquilizadoras, e transformou-se na questão definidora do século XXI".

Como um item poderia se tornar a "questão definidora" do nosso século, sem que, praticamente, todas as universidades do mundo vomitassem panaceias pós-modernas pós-estruturalistas, centrando-se na ideia de que a "verdade" em si é a maior força opressora da história da humanidade? (Estou falando sério.) Originando-se na vanguarda verde da academia, essa loucura aperspectiva de "não há verdade" vazou das universidades e moldou-se em uma imensa variedade de formas – desde afirmações diretas de que "não há verdade" ao igualitarismo fanático, à excessiva censura da liberdade de expressão e obtenção de conhecimento sem obstáculos, à correção política radical (que forçou os melhores comediantes a recusarem fazer apresentações nas faculdades, uma vez que o público "não tinha senso de humor": você não pode rir de nada em um mundo em que "nenhum valor é melhor" – embora este valor em si seja considerado melhor), a agendas políticas de extrema-esquerda que, na verdade, "uniformizam a pobreza", a atitudes igualitárias de "não julgar" que

se recusam a ver pontos de vista "superiores" ou "melhores" (embora este ponto de vista seja julgado "superior" e "melhor" do que qualquer outro), às formas de entretenimento que enaltecem a *flatland*⁵ igualitária, a uma negação de todas as hierarquias de crescimento (holarquias), confundindo-as com hierarquias de dominação (que efetivamente esmagaram as rotas para o crescimento real de qualquer sistema em toda parte), ao senso de "justiça" igualitário da mídia, que acabou tentando dar tempo igual a todos os possíveis pontos de vista alternativos, não importando o quão idiotas sejam (como os que negam o Holocausto), até a disseminação de "mentiras agradáveis" e "falsidades tranquilizadoras" como moeda-padrão. Ocorreu uma saturação da vanguarda da evolução, levando-a a uma contradição de desempenho e a uma generalizada loucura aperspectiva, explícita ou implícita, impelida por niilismo e narcisismo, e por toda uma cultura pós-verdade que invadiu a *Internet* e a subjugou profundamente; e essa subjugação inundou a grade de informação inteira da cultura em geral – exatamente o tipo de impacto profundo e extenso que se pode esperar de uma vanguarda (saudável ou doentia). De fato, "não há verdade" tornou-se a questão definidora do nosso século, porque nenhuma outra questão pode ser tratada, direta e efetivamente, se não houver, em primeiro lugar, uma acessível bússola da verdade para orientar a ação.

PARTE II – O TERRITÓRIO

Não há verdade e não há emprego: "ressentimento"

A Era da Informação, essencialmente verde, com sua Inteligência Artificial (IA), começou a imitar o modo como os seres humanos pensam, e como tal, passou a produzir robôs que conseguem realizar muitas tarefas que os seres humanos costumam desempenhar. Ela começou por trabalhos manuais simples – armazenamento de estoque, encomendas *on-line*, soldagem, linhas de montagem, etc. – mas tem se direcionado, crescentemente, para trabalhos mais complexos, incluindo a maioria dos investimentos financeiros, contabilidade de folha de pagamento, seleção de notícias, serviços de gerenciamento intermediário e, em breve, condução de caminhões e todas as funções do motorista, bem como diagnósticos médicos, tarefas de enfermagem e até mesmo cirurgias. Um *think tank* estimou que 50% dos empregos atuais serão assumidos por robôs por volta de 2050 (e outro estimou 47% até 2020). Trata-se da destruição de *metade* dos empregos atuais – e não há um analista de IA vivo que não concorde que isto é apenas o começo.

⁵ *Flatland*, romance de Edwin Abbott (publicado em 1884) sobre um mundo com apenas duas dimensões. Wilber usa este termo para ressaltar a tendência do paradigma científico de somente considerar os aspectos exteriores – comportamentais e sociais – da realidade, não considerando, e muitas vezes até negando, seus aspectos interiores – intencionais e culturais. *Flatland* leva em conta apenas a superfície, não a profundidade. (N.T.)

Ao mesmo tempo, ao longo das últimas três ou quatro décadas, a mediana da renda pessoal permaneceu a mesma, enquanto a média aumentou significativamente – o que significa que os indivíduos no topo da escala salarial (o chamado "1%") estão ganhando uma fortuna, enquanto a maior parte do resto da população estagnou ou realmente perdeu terreno. Este é outro abjeto fracasso da vanguarda em fazer o que se espera de qualquer vanguarda, ou seja, efetivamente liderar, e não estancar, uma cultura.

(Tudo indica que, à medida que a IA continuar seu avanço inexorável, talvez em cem anos, praticamente todo o trabalho humano será robotizado. Este é realmente um resultado fantástico, quase utópico. Afinal, o trabalho tem sido considerado uma maldição inevitável lançada sobre os seres humanos desde o primeiro dia. Ele sempre foi visto como o mal necessário que todos nós fomos condenados a sofrer – e, desse modo, em muitos casos, inventamos coisas como a escravidão ou a tentativa de terceirizar essa tarefa amaldiçoada. E agora parece que, finalmente, a tecnologia vai acabar com essa sina de uma vez por todas. Mas o período para realmente se chegar a esse ponto, onde praticamente 100% da população ficará livre do trabalho, será uma época de enorme sofrimento para bilhões de pessoas, quando incontáveis indivíduos perderão seu emprego sem nada para sustentá-los. Daí por que o Vale do Silício – que está, admita ele ou não, trabalhando celeremente para deixar o maior número de pessoas sem emprego o mais rapidamente possível – assume, como inequívoca questão de fé, que, em breve, algo como a garantia de uma renda básica substitua o emprego, o que será, quase certamente, um programa imprescindível. Voltaremos a este ponto.)

Ao mesmo tempo, a vanguarda verde do "não há verdade", e, sob o aspecto tecnoeconômico, do "não há emprego", criou um número efervescente, silenciosamente furioso e imenso de pessoas que cultiva o que Nietzsche chamou de "ressentimento" – do francês "resentment". Nietzsche se referia especificamente ao tipo de atitude desagradável, irada e mesquinha que tende a acreditar em crenças "igualitárias" (porque, na verdade, há quase sempre realidades "maiores" e "menores" – nem tudo é, ou pode ser, simplesmente "igual"; e o Verde se ressentiu muito disso e, frequentemente, responde com uma atitude sórdida e vingativa, que os teorizadores integrais chamam de "o Meme Verde Mau"). Mas a noção de "ressentimento" se aplica, em geral, à mágoa que se origina, cada vez mais, da grave crise de legitimação que começou a encharcar a cultura (e que se deve, essencialmente, a um Verde doentio). Em todos os lugares lhe dizem que você é totalmente igual e merece imediato e completo empoderamento, mas em todos os lugares lhe são negados os meios para realmente alcançá-lo. Você se sente sufocado, você reage, e fica muito, muito, exasperado.

Enquanto isso, a vanguarda verde passou a perseguir o que parecesse ser opressão em relação a praticamente qualquer minoria, onde pudesse encontrá-la. Este objetivo é, sem dúvida, nobre e bastante válido, mas foi levado – por um Verde zeloso e agora disfuncional – a extremos absurdos, que seus adversários chamam, ironicamente, de "o politicamente correto". Isto se tornou

um aspecto tão sensível, a ponto de criar uma cisão política entre aqueles que se veem como defensores da justiça social – combatendo a opressão em toda parte, procurando "gatilhos", "microagressão", e criando "espaços seguros" – versus aqueles que são contra uma correção política fora de controle, acenam com a Primeira Emenda da liberdade de expressão e se contrapõem aos que qualificam como benfeitores liberais hipersensíveis, que estão destruindo a própria capacidade para a livre busca de ideias e conhecimento aberto. (Meu ponto de vista é que ambas as posições são parcialmente verdadeiras, como explicarei.)

Mas o radicalismo do politicamente correto chegou realmente a extremos. Houve um *sit-in*⁶ total na UCLA porque um professor corrigiu a ortografia e a gramática em uma prova de pós-graduação e os alunos, com raiva, afirmaram que ele criou uma "atmosfera de medo". Bem, certamente quando não há verdade, impingir a alguém sua versão da ortografia é um impulso de poder opressor. Em uma reunião feminista, após a primeira oradora ter recebido uma salva de palmas, uma mulher relatou que os aplausos lhe causavam ansiedade e, portanto, o grupo votou para não mais aplaudir pelo resto da conferência. Estes são, simplesmente, exemplos de hipersensibilidade pessoal sendo levados a extremos e, em vez de perceber que a pessoa talvez esteja sofrendo de um problema emocional, ela é rotulada de "vítima" e passa a ser função de todos atender a seus caprichos narcisistas. Novamente, niilismo e narcisismo não têm espaço na vanguarda (se é que queiramos que ela seja capaz de funcionar). Mas as coisas ficaram tão feias nos *campi* universitários, a ponto de muitos dos mais talentosos comediantes da época, incluindo verdadeiros gênios como Chris Rock (provavelmente a pessoa mais engraçada da América) e Jerry Seinfeld (o comediante de TV mais bem-sucedido da história) simplesmente pararem de fazer *shows* nas universidades. Eles alegaram que os *campi* universitários "não têm senso de humor" – você não pode brincar praticamente com nada (em função de um hipersensível igualitarismo), e, por isso, eles não se apresentariam mais. Quando comediantes talentosos não podem mais comentar uma situação, algo está muito, muito errado. Correção política extremada é, simplesmente, loucura aperspectiva emocionalmente descontrolada.

Assim, vimos algumas das formas pelas quais a vanguarda verde da evolução cultural descarrilou, tornou-se significativamente disfuncional e doentia, foi atropelada por uma contradição de desempenho que resultou em uma loucura aperspectiva epidêmica. E sob tais circunstâncias, a evolução acha imprescindível tomar certas providências de autocorreção. Obviamente, essas providências não parecerão correções necessárias – na verdade, elas podem parecer alarmantes. Mas a única coisa mais alarmante seria a evolução tentar avançar com base em uma vanguarda já gravemente dilacerada. Os desastres simplesmente aumentariam. O Verde, como vanguarda, ruiu; e a evolução não

⁶ Manifestação em que as pessoas ocupam um local e recusam-se a abandoná-lo. (N.T.)

tem escolha senão assumir uma atmosfera amplamente "antiverde" enquanto tenta corrigir o dano.

E a única coisa verdadeira em Donald Trump – mais do que qualquer outra característica que o defina (mais do que seu sexismo, mais do que seu racismo, mais do que sua xenofobia) – é que cada palavra que sai da sua boca é antiverde.

Estágios de desenvolvimento e partidos políticos

Ora, isso significa que a retórica antiverde de Trump pode ter repercutido em um (ou mais) dos três principais estágios pré-verdes e os ativado: pode ter ativado o Laranja mundicêntrico (conquista, mérito, progresso, excelência, lucro); pode ter ativado o Âmbar etnocêntrico (racista, sexista, xenófobo, anti-imigração, suscetível ao hiperterrorismo, homofóbico, patriótico hiperbólico); ou pode ter ativado o Vermelho egocêntrico (pré-convencional, autofavorecedor, autopromotor, narcisista).

Agora, antes de discutirmos quais deles foram realmente ativados, analisemos como os principais partidos políticos se alinham em termos dos estágios básicos de desenvolvimento humano. Existem inúmeras variáveis que fazem parte de um conservador/tradicional ou de um liberal/progressista (e elas abrangem toda a matriz AQAL). Mas em termos bem simplistas (e focando apenas nos níveis), o partido liberal nasceu no Iluminismo ocidental com a "Esquerda", assim chamada simplesmente porque seus membros sentavam-se à esquerda no Parlamento francês. Ele representava o emergente nível de desenvolvimento laranja, racional, mundicêntrico, meritocrático, pós-mítico e progressista – um movimento político essencialmente novo na história. Este recém-surgido movimento da Esquerda era a favor da igualdade de direitos e justiça para todos; da abolição da escravidão; do fim das crenças religiosas epidêmicas (o grito de guerra do Iluminismo de Voltaire: "Lembra-vos das crueldades!" – as intensas crueldades infligidas pela Igreja a milhões de pessoas, sempre em nome de um Deus amoroso; a Esquerda em geral apoiava o fim da religião mítica pré-moderna e sua substituição pela ciência racional moderna); de um grande apoio aos direitos individuais e à liberdade de expressão; e de um governo nesses termos, com o fim da monarquia e o início de formas de governança democráticas. Do outro lado do corredor, ficava o velho partido político da "Direita", que estava desacreditado até mesmo pela tradicional sociedade convencional existente e por tudo que havia feito por ela com sua forma de governança e suas fortes crenças religiosas, bem como por sua estrutura social que incluía a monarquia, classes superiores aristocráticas, servos e escravos, tudo estabelecido com uma base religiosa patriarcal e profundamente mítica.

Durante as próximas centenas de anos, esses dois grandes sistemas de crenças políticas competiram por controle (*Whigs* e *Tories*, Democratas e Republicanos, etc.). Então, a partir dos anos sessenta, como vimos, um estágio

de desenvolvimento fundamentalmente distinto começou a surgir, e esse novo estágio criou um tipo significativamente diferente de crença política. Foi o surgimento do Verde, e essa visão política dedicou-se agressivamente a acabar com a opressão de qualquer grupo marginalizado; investiu enormemente na proteção do meio ambiente contra todas e quaisquer ameaças (como tal, frequentemente, manteve-se em conflito com a orientação comercial e de lucro do estágio laranja moderno/capitalista prévio); apoiou todas as formas de feminismo (o Laranja, que originalmente criara o feminismo, o apoiava, mas o Verde assumiu-o fervorosamente, junto com quaisquer outros movimentos antiopressão, desde os *Black Panthers* ao *Black Lives Matter*, até os direitos LGBT); foi favorável à restrição da liberdade de expressão individual se ela prejudicasse qualquer grupo minoritário. Tanto o Laranja quanto o Verde eram mundicêntricos, mas, fora isso, seus interesses diferiam de várias formas profundas e significativas.

A adição de um novo e fundamental estágio de desenvolvimento humano gerou, em cada um dos dois principais partidos políticos, um grau significativo de turbulência interna. A esquerda progressista – justamente porque era progressista e tendia a seguir novos desdobramentos evolucionários – estava agora dividida entre seus valores originais e essenciais do Iluminismo – liberdade e direitos individuais; valores universais da vida, de independência e busca da felicidade; a separação entre Igreja e Estado; ênfase na liberdade de expressão individual e na liberdade individual em geral – versus os novos valores do Verde emergente, que incluíam: ênfase na "igualdade" sobre a "liberdade" do Laranja e, portanto, ênfase nos direitos coletivos e cerceamento dos direitos individuais, se, de algum modo, eles ameaçassem marginalizar, ou mesmo ofender, qualquer grupo minoritário (um desafio direto à Primeira Emenda e uma vontade de limitar a liberdade de expressão se ela parecesse ferir os sentimentos de qualquer grupo); ênfase na "igualdade da terra" e na proteção ambiental (mesmo que isso pudesse prejudicar a liberdade dos seres humanos); ativa promoção de grupos marginalizados sobre outros igualmente qualificados (algumas vezes incluindo cotas reais ou, no mínimo, uma ação afirmativa). Esses dois conjuntos de valores ocupavam, aproximadamente, o mesmo campo mundicêntrico, mas no que se referia a especificidades, eles, se comportavam como dia e noite; e desse ponto em diante, a Esquerda (e o Partido Democrata) envolveu-se em uma luta interna entre esses dois conjuntos de valores fundamentais (Laranja moderno versus Verde pós-moderno) para determinar a política real. Ainda é uma batalha perfeitamente óbvia para quem olha através desta lente.

Mas a mesma coisa, um grau abaixo, aconteceu com a Direita (e os Republicanos). Sua base fundacional sempre foi âmbar; e assim eles têm crenças mais etnocêntricas do que progressistas – com ou sem razão, eles são vistos como mais racistas, mais sexistas, mais hiperpatrióticos e nacionalistas, mais patriarcais, mais militaristas, mais xenófobos, mais homofóbicos e muito mais religiosamente fundamentalistas ou "mítico-literais" – e eles, frequentemente, defendem abertamente tais valores. Mas com o crescente movimento da própria evolução, que adicionou um novo nível, a vanguarda da Direita também subiu um estágio. Como a Esquerda, que adicionou um ramo

verde à sua base laranja, a Direita adicionou um ramo laranja à sua base âmbar. Este novo grupo da Direita é frequentemente chamado de "Republicanos de Wall Street" (refletindo sua inclusão do progresso, realização e lucro laranja) e, portanto, abraçou agressivamente muitos valores que, anteriormente, haviam sido abraçados apenas pelo Iluminismo ou pelos "velhos" liberais (pela sua "novidade", eles, às vezes, são chamados de "neoconservadores" ou, abreviadamente, "neocons"). Este movimento político tornou-se um fervoroso entusiasta dos grandes negócios e de qualquer coisa que pudesse ajudá-lo em seus lucros laranja; luta por direitos individuais mundicêntricos contra os etnocêntricos, favorecendo movimentos "liberais" coletivos; não gosta muito do governo (porque, muitas vezes, é composto por liberais que impõem maciços direitos igualitários e sociais verdes); e apoia a liberdade de expressão contra a correção política com uma paixão que beira o libertarismo. O Partido Republicano, como o Democrata, dividiu-se em dois grandes campos, refletindo o caminho geral da própria evolução – neste caso, a Direita "de base" ou "tradicional" (com uma forte visão âmbar-etnocêntrica) e a "Nova Direita" (com uma visão laranja-mundicêntrica com respeito a negócios, lucro e direitos individuais).

No que concerne a emprego, independentemente de serem Democratas laranja ou verdes, eles não são tão a favor como os Republicanos (laranja ou âmbar). (Mais especificamente, refletindo seus níveis atuais, a ala laranja dos Democratas e Republicanos geralmente apoia Wall Street, enquanto a ala verde dos Democratas se opõe, em geral com agendas mais socialistas, antilaranja e anticapitalistas). Mas, tradicionalmente, quando se trata de uma verdadeira divisão entre a gestão dos negócios e os trabalhadores, os Democratas (favorecendo as "massas" mundicêntricas) apoiam empregados e sindicatos contra o patronato. Contudo, com o contínuo fracasso da vanguarda verde, o trabalhador típico não se sente absolutamente apoiado pelos Democratas, e especialmente os empregados de chão de fábrica voltaram-se substancialmente para Trump. Ele realmente focou esse grupo e o fez de um modo muito etnocêntrico – protegeria os empregos do país, puniria as empresas que fossem para o exterior, taxaria os produtos provenientes de empresas estrangeiras e "tornaria a América grande de novo" – hiperpatriótico, etnocêntrico, âmbar até a medula. Como observado, cerca de 70% dos brancos com educação somente secundária ou inferior votou em Trump.

Consolidando seu apelo ao etnocentrismo, cerca de 60% dos eleitores brancos em geral votaram em Trump, incluindo 53% das mulheres brancas (uma porcentagem maior de mulheres brancas do que a de qualquer outro candidato Republicano na memória recente – e não apenas as de "educação inferior": 45% de todas as mulheres brancas com curso superior votaram nele. No lado mítico-literário dos etnocêntricos – ou dos "evangélicos" – mais de 80% desses eleitores escolheram Trump (e isso mostra, especialmente, como as crenças superaram os fatos, já que havia muito pouco de religioso em Trump – mas o ponto principal aqui é como esses estágios de fundo têm uma mão invisível, mas extremamente poderosa, no desenvolvimento de visões de mundo). Outros 80% de eleitores que se definiram como "irritados" seguiram Trump, e não apenas aqueles com

menos instrução ou renda mais baixa: a mediana da renda do eleitor de Trump foi de 71.000 dólares.

Em suma, dos 60% da população que é etnocêntrica (ou abaixo), a grande maioria parece ter votado em Trump, e de forma impressionante. Muitos deles indicaram que ele não era "qualificado" (60%), que ele maltratava as mulheres (55%), até mesmo que ele era instável (45%). E, mesmo assim, a maioria votou nele – o poder das motivações dominadas pela crença.

O reverberante campo mórfico antiverde

O que praticamente todos os eleitores citados têm em comum é ressentimento – eles se ressentem da elite cultural, seja no governo ou nas universidades ou "nas costas"⁷, e queriam se vingar (se "vingança" é a palavra errada, não está muito longe). Mas sugiro que há outra corrente muito forte e oculta em tudo isso, e essa é a da reação antagônica de afastar-se de uma vanguarda que se tornou profundamente azeda e disfuncional, e nem sequer atende aos 25% da população verde a que pertence. A natureza intensamente autocontraditória do "não há verdade" fez ruir a própria vanguarda da evolução, atropelou-a, descarrilou-a, e em uma série de movimentos ferinos, confusos, mas intrinsecamente conduzidos com sabedoria, a evolução deu um passo atrás, reagrupando-se e procurando formas de avançar. Isso incluiu a ativação de uma onda âmbar-etnocêntrica, que sempre esteve presente e muito poderosa, mas à qual, a partir de um século atrás, na maioria das vezes, foi negado o controle direto da sociedade, (à medida que o Laranja e depois o Verde intervieram). Quando um Republicano assumia o poder, o que foi relativamente frequente, geralmente era um Republicano alinhado com o Laranja (com inevitáveis subcrenças âmbar-etnocêntricas, mas falando o idioma mundicêntrico).

Mas Trump, como nenhum outro político que eu lembre, tocou diretamente no nervo âmbar. Ele, rigorosa e deliberadamente, falou em termos âmbar-etnocêntricos – finamente velados (se é que eram velados), racistas, sexistas, abertamente patriarcais, ultranacionalistas, jingoístas, de modo que deixou os críticos, literalmente, de boca aberta. As pessoas simplesmente não podiam acreditar nas coisas que partiam de Trump, especialmente porque não conseguiam ver o completo engarrafamento à frente, onde a direção da vanguarda havia colapsado totalmente em função de uma desenfreada loucura aperspectiva que reverberava ladeira abaixo por todo o espectro de desenvolvimento. Novamente, não é apenas que Trump fosse etnocêntrico, mas sim que todos os seus movimentos eram profundamente antiverdes, e a corrente antiverde de Trump captou a poderosa onda antiverde que irradiava da própria vanguarda.

A pulsão antiverde de Trump é séria e de longo alcance (embora, conscientemente, ele não se dê conta disso). Sejam suas propostas vermelhas,

⁷ Referência à Costa Leste e à Costa Oeste americanas, onde se concentra a elite cultural. (N.T.)

âmbar ou laranja, elas são sempre antiverdes também. E essa é a única coisa que todas elas têm em comum – todas são energizadas, em parte, pelo impulso autocorretivo antiverde da evolução, em busca de um caminho funcional e auto-organizador para seguir em frente (um caminho que permita a cada um desses estágios participar, de fato, do diálogo nacional global e não negar e ridicularizar, agressivamente, qualquer um deles como simplesmente deplorável). Como exploraremos daqui a pouco, o Âmbar foi ativado porque precisava encontrar uma forma de se integrar à sociedade maior, o que lhe tem sido negado há muito tempo. Nem todos os movimentos específicos do Âmbar fazem parte diretamente do impulso de autocorreção geral da evolução, mas a ativação do Âmbar em si, definitivamente, faz – e sua voz precisa, desesperadamente, ser ouvida. Com certeza, ele precisa ser "transcendido", mas também – eis a lição – precisa ser "incluído", para que a evolução possa retornar a seu movimento funcional e auto-organizador de "transcendência e inclusão". Esta pulsão antiverde, secreta, oculta, mas muito real, foi o que Trump, inconscientemente, acionou para chegar à vitória, causando um choque total em ambos os lados e em todos os pesquisadores de opinião. Isto ocorreu porque o motor primário dessa conquista passou completamente despercebido.

O fato de, em muitos aspectos, Trump ser tão buliçosamente âmbar-etnocêntrico forçará a atual vanguarda verde a uma de duas principais reações: simplesmente duplicará seu ódio, repulsa e escárnio pelo Âmbar (visando Trump e seguidores); ou fará uma pausa, perceberá que seu ódio e ridicularização dele têm contribuído profundamente para o ressentimento irado, virulento e execrável do Âmbar por todas as elites, e, que, portanto deve tentar, de alguma forma, compreender, incluir, até mesmo abraçar compassivamente grande parte da população que ele, Verde, deveria estar liderando, não desprezando. Se seguir a primeira rota, a atmosfera global antiverde irá simplesmente dar força ao Âmbar para impor seu caminho, sua pulsão de poder etnocêntrica e tudo mais ao *mainstream*, seguindo-se uma série crescente de desastres inevitáveis. Se seguir a outra rota, o Verde estará se alinhando ao movimento autocorretivo da própria evolução, enquanto busca uma plataforma básica mais inclusiva e abrangente, a partir da qual assumirá novamente seu papel de líder na auto-organização por meio de autotranscendência, ou transcendência e inclusão autênticas. (Mais sobre isto daqui a pouco.)

Enquanto isso, Trump está sendo conduzido não apenas pelo seu narcisismo egocêntrico vermelho, não apenas pelo seu etnocentrismo âmbar (claramente perceptível), e não apenas pelo seu ocasional mundicentrismo laranja, mas também, sempre, por este campo morfogenético antiverde. Trump, praticamente, pretende eliminar um bom número de regulamentos ambientais; sua escolha de Scott Pruitt para chefe da Agência de Proteção Ambiental deixou todas as organizações ambientais do mundo completamente alarmadas (ou seja, antiverde). Ele pretende aumentar enormemente os gastos militares (antiverde). Ele vai limitar severamente a imigração, com especial ênfase para mexicanos e muçulmanos (antiverde). Ele vai baixar os impostos, incluindo os dos muito ricos (antiverde). Estima-se que ele irá reverter cerca de 60-70% dos regulamentos da

área de negócios (antiverde). Ele vai arrasar com os acordos de comércio exterior e suspender qualquer projeto de unificação internacional (antiverde).

Tudo isso é, no mínimo, um violento chute na cara do Verde.

Assim, embora o principal círculo eleitoral de Trump seja esses 60% da América (ricos ou pobres, educados ou não), cujo centro de gravidade básico é âmbar-etnocêntrico, mesmo quando ele ativa correntes normais do Laranja (negócios/realização/lucro), geralmente o faz por meio do desmantelamento de alguma regra ou regulamento que a vanguarda verde instituíra previamente. Trump é radicalmente contra o "politicamente correto". Seu "tornar a América grande novamente" deve ser realizado, basicamente, desfazendo a maioria dos itens que um governo de vanguarda verde instituiu para "ajudar" ou "proteger" os indivíduos, mas, principalmente, para "desconstruir" fronteiras divisivas onde quer que existissem. Desta forma, desfazer acordos comerciais que tentaram envolver grandes parcelas do mundo, tornando comercialmente mais fácil cruzar as fronteiras americanas; invalidar regulamentos de imigração que tentavam abrir as fronteiras para qualquer imigrante (as ideias de Hillary sobre facilitar dramaticamente a imigração foram particularmente irritantes para Trump); tentar dificultar as coisas para os terroristas reforçando as fronteiras norte-americanas. Em todas as direções, ele está revertendo o relaxamento de fronteiras, as quais uma vanguarda verde havia ativamente desconstruído. (Obama foi criticado, até mesmo por seus partidários, por uma certa falta de "pulso", especialmente em sua política externa, como o desejo de que a NASA promovesse esforços pró-muçulmanos⁸ e por sua postura talvez demasiado branda em relação ao Irã – em resumo, por algumas de suas próprias tendências verdes profundas que expunham sua loucura aperspectiva e falta de objetividade ou "firmeza". Todas essas moções verdes foram agressivamente condenadas por Trump.)

Ora, não estou dizendo que o que Trump está fazendo é certo. O que ele está fazendo é, basicamente, etnocêntrico e tem de ser julgado, exatamente, sob esse ponto de vista. Mas estou dizendo que a razão pela qual ele está fazendo muito do que está fazendo é, concomitantemente, fruto de um campo morfogenético de fundo antiverde, que surgiu quando a vanguarda verde se afogou em um pântano de loucura aperspectiva e, assim, fracassou significativamente como uma autêntica vanguarda – ela não conseguiu definir um rumo (apenas desconstruiu coisas já existentes), porque, ao negar qualquer "verdade", perdeu o norte da bússola. Isto acabou obrigando a evolução a buscar um necessário movimento autocorretivo de retrocesso, reforma e reorganização, em uma tentativa de criar uma dinâmica verdadeiramente auto-organizadora que lhe permitirá avançar mais uma vez. É como se você, ao comer uma maçã, mordesse um prego enferrujado que quebrasse seu dente – a única coisa que você não faria é continuar mordendo.

Portanto, estivesse ativando o Vermelho egocêntrico, ou o Âmbar etnocêntrico, ou o Laranja mundicêntrico, Trump era sempre antiverde. E a corrente antiverde (atuando de forma pré-consciente na dinâmica da evolução

⁸ O que gerou o seguinte chiste: NASA – National Aeronautics Submission to Allah. (N.T.)

cultural em curso) permitiu que esses estágios fossem energizados por algo que Trump fazia. É um amálgama surpreendente – na verdade, muitos analistas afirmam ser único em toda a política americana. Nunca uma postura "anti" atingiu e deu força a tantos estágios – porque nunca antes a liderança de uma vanguarda fracassou tão flagrantemente. E o metamovimento geral em tudo isso é encontrar uma forma para que todos esses estágios prévios possam ser realmente ouvidos e verdadeiramente vistos, e consigam ser integrados, mais efetiva e compassivamente, nas correntes maiores de uma evolução cultural, de um modo que o Verde (com sua loucura aperspectiva agressivamente desconstrutiva) não conseguiu fazer.

Os estágios e dimensões ativados pelas ações atuais de Trump

Mesmo Trump ativando o Vermelho, o Âmbar ou o Laranja (sendo central o Âmbar etnocêntrico), houve muitas outras correntes que, combinadas com a dinâmica geral antiverde, selecionaram como cada onda foi realmente ativada por ele (isto é, fatores não apenas de diferentes níveis, mas também de diferentes quadrantes, diferentes linhas e diferentes estados estão envolvidos). Questões de negócios quase sempre interagiram com correntes relativas a fatores econômicos laranja em geral, e a sensação generalizada de que Trump é um homem de negócios levou alguns empresários a se sentir atraídos por ele (e, certamente, trabalhadores desempregados também foram atraídos porque acharam que Trump poderia "trazer os empregos de volta"). Outros, naturalmente, tenderam a ressaltar que Trump fora malsucedido nos negócios muito mais vezes do que bem-sucedido. De qualquer maneira, ele é o primeiro presidente na história americana que, essencialmente, não tem nenhuma experiência política, não é advogado e provém, quase que exclusivamente, de um ambiente empresarial. (De modo que a forma como conduz suas empresas será, provavelmente, a mesma como conduzirá o governo, fazendo com que muitas pessoas não se sintam confortáveis.)

É a multidão etnocêntrica que, além de ser o principal nível de atração, talvez apresente o maior número de outras variáveis a favor de sua ativação: raça, sexo, correntes tecnológicas, estímulos governamentais, fatores econômicos, ressentimento cultural. O sucesso de Trump foi, mais frequentemente, atribuído a uma grande subclasse branca masculina. Embora esse seja apenas um fator, e um importante, é somente parte do quadro geral. Mas é verdade que essa classe tem sido estereotipada de forma especialmente desagradável pela elite – principalmente pela vanguarda verde. Ela é tudo o que Hillary Clinton quis dizer quando chamou os partidários de Trump de um "cesto de deploráveis". Esse grupo é visto como o único, notável, caipira, imbecil, inculto e gigantesco instigador da opressão de todas as minorias. Essa grande classe baixa branca, de alguma forma, tem oprimido e privado de direitos afro-americanos, mulheres, gays e lésbicas, forasteiros "autênticos" (como os mexicanos, não como os irlandeses ou alemães), e diz-se que ela detesta e odeia qualquer um que não da sua raça, sexo, sangue, origem ou credo. Vamos

abordar se isso é verdade ou não daqui a pouco, mas é certo que essa "subclasse" (branca, masculina, de pouca educação, da classe baixa, rural) realmente votou maciçamente em Trump. O enorme ressentimento que eles desenvolveram, a raiva de ser olhado pelas elites de vanguarda como "deploráveis" (o que elas, certamente, fazem), transformou-se em uma ferida ulcerada poderosamente suavizada por cada salva antiverde de Trump. Eles o amaram por isso, e mesmo que muitos o achassem "despreparado", "misógino" ou mesmo "instável", votaram em massa nele. Nada, por mais embaraçoso que fosse (atitudes que Trump, estranhamente, assumia quase diariamente, cada uma aparentemente pior do que a anterior, até o assombrosamente adolescente – e criminoso – vídeo "agarrá-las pela boceta") – nada disso importava, porque jorrava de Trump um sincero e "genuíno" sentimento antiverde, e essa multidão realmente o idolatrou. Décadas sendo tratados como lixo branco – com todo seu ressentimento – estavam sendo lavadas por cada idiotice, e eles simplesmente não se saciavam.

E quanto a energizar a multidão vermelha egocêntrica – bem, isso fala mais ou menos por si. Como Lovejoy comentou secamente: "não há estupidez humana que não encontre seu defensor", e narcisistas de toda parte encontraram em Trump um retumbante campeão.

A causa fundamental – e a cura – da opressão

Então, falemos brevemente sobre a questão da opressão, cuja extinção completa talvez seja o objetivo central mais forte do Verde. Embora o ideal em si seja totalmente louvável (e eu o apoio plenamente), o problema surge quando uma loucura aperspectiva *flatland* tenta entender a fonte, causa e cura da opressão. E você pode adivinhar, desde o início, que isso não vai ter um final feliz.

Por exemplo, o Verde costuma olhar para a história e sempre que encontra uma sociedade em que há uma generalizada falta de valores verdes, assume que eles estariam presentes, normal e naturalmente, se não fosse pelo fato de terem sido perversamente oprimidos pelas hierarquias de dominação encontradas nessa sociedade. Todos os indivíduos possuiriam valores verdes mundicêntricos de pluralismo, igualitarismo radical e igualdade total, caso os poderes de controle opressivo não tivessem esmagado esses valores onde quer que tenham aparecido. Observando cuidadosamente a história, o Verde constatou a falta desses valores desde o primeiro dia e, assim, supôs que uma maciça força opressora (ou um conjunto delas) se fez presente já no começo da vida da humanidade neste planeta; que essas forças opressoras ainda estão operando em toda parte hoje; e, portanto, a missão do Verde de acabar com a discriminação, a marginalização, a misoginia, a homofobia e as inúmeras variantes de escravidão é uma tarefa contínua, difícil e urgente, fortemente combatida pela estrutura de poder da vez.

Não se pode duvidar da existência de forças opressoras possantes e generalizadas. O problema é saber qual é sua fonte e causa. Para o pós-modernismo, a causa da falta de valores verdes mundicêntricos em qualquer cultura se deve à atividade de uma agressiva força repressora e opressora (normalmente o sexo masculino ou uma raça específica – branca na maior parte do mundo – aliada a um desenfreado colonialismo; e/ou uma crença particular – em geral, algum tipo de fundamentalismo religioso; ou variados preconceitos – contra os *gays*, contra as mulheres, contra qualquer minoria oprimida).

Em resumo, a *falta* de valores verdes (igualitarismo, liberdade de grupo, igualdade de gênero, cuidado e sensibilidade humanos) deve-se à *presença* de opressão: "falta do Verde = presença de opressão". Esta falta vem desde o primeiro dia e, portanto, variadas e fortes correntes opressoras estiveram presentes desde então, e continuam até agora, de forma alarmantemente difundida.

O principal problema com essa visão, tomada por si só, é que ela ignora completamente o papel central do crescimento, desenvolvimento e evolução. Já vimos que a identidade moral humana cresce e se desenvolve do egocêntrico (Vermelho) para o etnocêntrico (Âmbar), para o mundicêntrico (Laranja, em seguida, Verde), para o integral (Turquesa); e isto é verdadeiro tanto individual quanto coletivamente/historicamente. Assim, a *principal* razão pela qual havia escravidão, digamos, 2.000 anos atrás, não é porque existisse uma força opressora que impedia a liberdade mundicêntrica, mas sim porque o conceito mundicêntrico de liberdade ainda não emergira em nenhuma parte do planeta. Ele não existia e, portanto, não havia como oprimi-lo, como o Verde imagina. É por isso que, por exemplo, todas as grandes religiões do mundo, que pregam amor, compaixão e o acolhimento de todos os seres com bondade, precisamente porque foram criadas durante a grande Era Mítica *etnocêntrica* da civilização tradicional, não tinham a concepção abrangente e difundida da liberdade fundamental mundicêntrica dos seres humanos – ou a crença de que todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, cor ou credo, nasceram iguais – e, portanto, nenhuma delas se opôs vigorosamente ao fato de que uma grande parte de sua própria população fosse constituída de escravos. Em Atenas (e na sociedade grega), alardeada como o lar da democracia, um em cada três habitantes era escravo – e não havia nenhuma queixa em larga escala. Tampouco houve queixa amplamente difundida culturalmente no Cristianismo, Budismo, Hinduísmo, etc. Somente com o advento da Era da Razão mundicêntrica foi que a ideia de "considerarmos que essas verdades são autoevidentes, que todos os homens são criados iguais" de fato surgiu – emergiu evolucionariamente – e passou ser aceita pelo membro médio típico da cultura. A Guerra entre os Estados⁹ – causada, em parte, por essa percepção – seria impensável mil anos antes; simplesmente não faria sentido.

É o caso da escravidão: primeiramente inventada e praticada por homens negros sobre homens negros na África e, depois, encontrada basicamente em

⁹ Wilber refere-se à Guerra Civil Americana. (N.T.)

todos os lugares, entre homens amarelos sobre homens amarelos e vermelhos sobre vermelhos, e, seguindo o caminho de volta, até as tribos primitivas que, quando entravam em contato, geralmente guerreavam e escravizavam – como vimos, 15% das tribos indígenas praticavam a escravidão, e o fizeram porque a moralidade mundicêntrica ainda não havia emergido em larga escala. Portanto, a privação de liberdade não se deve, basicamente, à presença de uma força opressora, mas à ausência de um desenvolvimento mais elevado. A opressão não é, de modo algum, a causa primária da falta de liberdade, e se assim for considerada, as "curas" que são aplicadas nunca – *nunca* – funcionarão, porque a causa real passará despercebida e continuará a existir e a operar sob a superfície (a causa real não é a presença de opressão, mas a falta de desenvolvimento).

Desse modo, nesse particular, não é verdade que "falta do Verde = presença de opressão"; mas sim que "falta do Verde = falta de desenvolvimento". As pessoas não nascem com valores verdes; esses valores são o produto de cinco ou seis importantes estágios de desenvolvimento humano, e antes de sua emergência real, eles não existiam e, portanto, obviamente, não poderiam ser oprimidos.

Isto vale para tudo: raça, sexo, credo, gênero. Lembremo-nos dos estágios de desenvolvimento moral da mulher, da feminista norte-americana Carol Gilligan. Ela descobriu que todas as mulheres crescem e evoluem moralmente através de quatro principais estágios: de um estágio *egoísta* (onde a mulher só se preocupa com si mesma – nosso **egocêntrico**), a um estágio de *cuidado* (onde a mulher estende o cuidado ao seu grupo escolhido – nosso **etnocêntrico**), a um estágio de *cuidado universal* (onde a mulher cuida de todos os grupos, de todos os seres humanos – nosso **mundicêntrico**), ao estágio *integrado* (onde a mulher integra os modos masculino e feminino em si mesma – nosso **integral**). Somente no estágio mundicêntrico do *cuidado universal* é que a mulher começa a descobrir algo verdadeiramente censurável, como opressão ou marginalização; antes dele, é a vida como ela é. Não há contestação universal à opressão até o estágio de cuidado universal e, portanto, essa contestação não é algo presente desde o início e posteriormente esmagado, mas algo que não existe no início e que emerge à medida que o crescimento e o desenvolvimento continuam.

Mas se achamos que os valores verdes devem ser encontrados universalmente e sua falta indica, infalivelmente, uma força opressora, então não encontraremos nada além de vítimas em qualquer lugar (simplesmente porque o Verde é um dos mais elevados estágios de desenvolvimento ainda em emersão, e todos os estágios prévios, por definição, carecem do Verde; se essa falta sempre significa, equivocadamente, opressão, então os que estão nesses estágios são, erroneamente, considerados "vítimas" oprimidas – e o número de vítimas simplesmente explode). E nossa cura para isso não será fomentar fatores que ajudarão no crescimento e no desenvolvimento, mas punir e criminalizar aqueles que estão nos estágios mais baixos e que agem de maneira opressora. Como veremos, no que diz respeito a hierarquias de dominação e hierarquias de

crescimento (holarquias), somente nos estágios egocêntrico/egoísta e etnocêntrico/cuidado vou querer oprimir e manter os outros abaixo de mim, para começar. Mas quando o Verde mundicêntrico vê essas ações, pressupõe que um opressor, em algum lugar, está tentando violar as condições mundicêntricas de liberdade e igualdade – e isto inverte a dinâmica inteira.

Dito de forma diferente, pulsões e ações opressoras são intrínsecas aos estágios mais baixos de desenvolvimento. (As hierarquias de dominação são inerentes aos estágios inferiores das hierarquias de crescimento e desaparecem nos estágios mais elevados dessas mesmas hierarquias. Não é que os estágios superiores sejam incapazes de ações maléficas ou opressoras; eles são capazes. Mas não são *inerentemente* opressores; a opressão não faz parte de sua estrutura intrínseca; quando tal comportamento ocorre em estágios mais elevados, é devido a questões idiossincráticas de *sombra*, e tem de ser tratado caso a caso; de qualquer modo, sua frequência é muito menor do que no egocêntrico/etnocêntrico. Em suma, a cura primária para as hierarquias de dominação é transcender para os estágios mais elevados das hierarquias de crescimento.) Um estágio de desenvolvimento inferior, pré-mundicêntrico, passará por cima de todos os valores mundicêntricos se puder, não porque esteja tentando oprimir especificamente esses valores, mas porque ainda não os possui em si e não tem compreensão de sua importância, benignidade ou desejabilidade. A cura para isso é avançar no desenvolvimento, não criminalizar estágios anteriores (seria como considerar a idade de cinco anos um delito e proibi-la).

É certo que uma sociedade possa optar por aprovar leis contra qualquer comportamento que tenha o efeito de oprimir outros seres – e há inúmeras razões para fazê-lo. Mas quando se trata da *causa* desse comportamento, além dos fatores que provêm dos quadrantes exteriores (incluindo fatores econômicos e tecnológicos no Quadrante Inferior Direito [social], e fisiologia cerebral no Quadrante Superior Direito [comportamental] – que as abordagens exteriores *flatland* normalmente reconhecem) – é mandatório que as *dimensões interiores* também sejam levadas em conta (incluindo o desenvolvimento ético no Quadrante Inferior Esquerdo [cultural] e o desenvolvimento moral no Quadrante Superior Esquerdo [intencional] – ou os vários níveis ou estágios do crescimento real). Ver simplesmente "opressores" propositais e suas "vítimas" em toda parte é um diagnóstico totalmente incorreto para a doença (gerando um tratamento também incorreto).

Por isso, quanto ao "cesto de deploráveis", na medida em que estejam genuinamente em estágios de desenvolvimento pré-modernos, âmbaretnocêntricos, eles não se sentirão à vontade com valores mundicêntricos (laranja e verdes), não porque os vejam e os odeiem, mas porque, basicamente, não os veem (e não conseguem vê-los). Como colocado por Kegan, tais valores estão "acima de suas cabeças". Isto não é dito como crítica, mas simplesmente como uma narrativa explicativa e descritiva; porque a cura aqui envolve não odiá-los, "deplorá-los" e criminalizá-los (a menos que seu comportamento o justifique), mas aproximar-se deles e compassivamente incluí-los no diálogo nacional e no

desenvolvimento normativo cultural em curso. A vanguarda verde (inclusive os defensores de Hillary) recusam-se terminantemente a fazer isso há pelo menos quatro ou cinco décadas.

E eis sua contradição de desempenho. Em um mundo de loucura aperspectiva e extrema correção política, o Verde, oficialmente, não perceberá ninguém como fundamentalmente "inferior" ou "precisando realmente crescer", porque sugerir que qualquer grupo necessita, de fato, aumentar sua profundidade de desenvolvimento – implicando que alguns níveis são "melhores" ou "superiores" a outros –, é acusá-lo de "racista" ou "sexista" ou de algum outro crime terrível contra a humanidade. Nenhuma postura é reconhecida como mais elevada do que qualquer outra e, com certeza, não há tal coisa como uma posição "superior" ou "melhor" – embora, quando você pensa sobre isso, como vai alcançar posturas verdadeiramente "superiores" e "mais inclusivas", que o Verde insiste em idolatrar, se você não as desenvolver? O próprio Verde é o produto de cinco ou seis importantes estágios de desenvolvimento, mas *nega esse desenvolvimento* e até mesmo sugere ser ele um completo anátema – um colossal e maciço fracasso devido à loucura aperspectiva da vanguarda.

No entanto, como estamos começando a constatar, embora o Verde não admita a existência de visões "superiores" ou "melhores", ele sente, lá no fundo, que seus pontos de vista são definitivamente "superiores" e "melhores" – e na medida em que, por exemplo, representam, de fato, visões mundicêntricas sobre visões etnocêntricas, eles são realmente mais elevados e melhores (precisamente porque são mais inclusivos e menos dominadores e opressores)! Mas isso é exatamente o que o Verde não pode admitir ou reconhecer oficialmente – daí ser pego em uma contradição de desempenho e desmoronar como vanguarda consciente e funcional.

E, mais precisamente, quando esse aumento no desenvolvimento da capacidade de inclusividade, cuidado e compaixão não é oficialmente reconhecido, ele se insinua de forma disfarçada e muitas vezes repugnante (porque você continua intuindo a existência dessas realidades factuais, mesmo que sua visão de mundo tente negá-las e, então, elas forcem seu caminho para a consciência de forma distorcida). O Verde fica muito bravo com sua própria postura contraditória: achar que sua visão igualitária é um modo melhor de ver as coisas contradiz o igualitarismo logo de cara! (Sua visão de que não há visões melhores implica, em si mesma, a crença em uma visão melhor). E, assim, acaba deixando escapar sua conclusão de forma acintosa, até mesmo viciosa ("eles são deploráveis!"). Voltaremos a essa questão central – e à sua cura – na Parte III.

Portanto, quando se trata de forças opressoras e dominadoras, o problema com que o Verde se defronta é que ele, oficialmente, vê todos os indivíduos como iguais – o que significa, simplesmente olha para seus *exteriores*, para seus *comportamentos* e quer que cada pessoa fique livre de julgamento, classificação, opressão, dominação, coerção ou controle por quaisquer outras. Infelizmente, o que ele não faz é considerar as realidades *interiores* de cada um

desses indivíduos e verificar quais deles são realmente *a favor desse objetivo de igualdade*. Porque, como se verifica, a *maioria* das pessoas *não* é favorável a essa meta mundicêntrica. Indivíduos no Arcaico carmim [infravermelho], no Mágico vermelho e no Mítico âmbar – em suma, egocêntricos e etnocêntricos – não querem que todos sejam tratados da mesma forma. Em vez disso, querem que seu grupo específico tenha privilégios especiais – porque eles merecem, eles são o "povo escolhido!" – e se estão no poder, cuidarão para que seu grupo receba a maior parte dos bens disponíveis. Normalmente, fazem isto implantando todos os tipos de controles coercitivos e dominadores – racistas, sexistas, favorecendo o grupo privilegiado, depreciando os grupos minoritários, alocando os meios de produção aos poucos eleitos, reservando a maior parte da produção para o grupo beneficiário. E todos esses movimentos coercitivos exteriores são em grande parte impulsionados por um nível de desenvolvimento *interior* etnocêntrico ou inferior. (Por outro lado, alguns indivíduos no mundicêntrico ou superior foram intrinsecamente contra todas essas injustas ações coercivas e, historicamente, lideraram ou se juntaram a vários movimentos de libertação que resultaram no mundo atual, onde a igualdade de direitos é inquestionavelmente maior do que a alcançada, ou mesmo concebida, em qualquer época anterior da evolução humana.)

Mas o Verde (bem como o Laranja neste caso, ou sempre que as realidades interiores são ignoradas ou negadas e somente as exteriores são consideradas como sendo "realmente reais") olha para as ações opressoras dos indivíduos citados e simplesmente tenta proibi-las, criminalizá-las ou interrompê-las comportamentalmente. Em primeiro lugar, ele não entende a fonte e a causa reais dessas ações etnocêntricas, e não tem uma verdadeira compreensão da causa da opressão, por onde começar. E, assim, embora o centro de gravidade da cultura tenha se movido para cima ao longo dos milênios, das ondas mágico-egocêntricas e mítico-etnocêntricas para genuínas capacidades laranja e verdes mundicêntricas, todo mundo ainda nasce na estaca zero e deve começar seu crescimento e desenvolvimento a partir daí – e pode *parar* em qualquer um desses seis ou oito estágios! E, portanto, todas as culturas continuam a ter indivíduos, por exemplo, em estágios de desenvolvimento profundamente etnocêntricos – e esses indivíduos possuem impulsos marcadamente opressores, coercivos e dominadores. Desse modo, entre inúmeras outras questões, cerca de 300 anos após a abolição da escravidão, mais de 50 milhões de pessoas são traficadas todos os anos.

Os seres humanos não nascem em um nível de moralidade, valores ou impulsos mundicêntricos – não nascem entusiasmados pela democracia. Eles se desenvolvem para esse nível após cinco ou seis importantes estágios de desenvolvimento, e nem todos o fazem. Como vimos, cerca de 60% da nossa cultura (e cerca de 70% da população mundial) permanece no estágio âmbar-etnocêntrico (ou inferior). Toda vez que um casal faz amor, ele pode estar, potencialmente, gerando pequenos nazistas e seguidores da *Ku Klux Klan*. A raiz de tais forças opressoras não está nos exteriores; elas são causadas por interiores que sequestram os exteriores para expressar e manifestar suas visões de mundo profundamente etnocêntricas e, a menos que (e até que) esses

interiores sejam totalmente compreendidos e abordados, entre muitas outras coisas, por uma "educação deliberadamente desenvolvimentista", não se chegará a uma sociedade verdadeiramente livre e igualitária.

Ao mesmo tempo, a crença de fundo básica do Verde – sua entranhada loucura aperspectiva, uma exigência de que todos os valores sejam vistos como "iguais" e uma categórica recusa em "julgar" ou "classificar" qualquer sistema de valores como "melhor" ou "superior" – não permite que ele reconheça a sublime escala de desenvolvimento de crescente inclusividade e cuidado, e decrescente opressão e dominação – uma realidade que o ajudaria, de fato, a guiar uma cultura para níveis verdadeiramente mundicêntricos e integrais, onde uma sociedade livre e igual poderia vir a existir. O Verde apresenta propósito correto (e muito elevado), mas não tem um único caminho que funcione de fato ou enfrente as barreiras reais aos seus ideais fervorosamente desejados. E à medida que sua loucura aperspectiva atingia um maior número de áreas – desconstruindo, cada vez mais, aspectos da realidade – ele acabou por transformar essa visão desconstrutivista em sua própria existência, dissolveu qualquer motivo para acreditar no que diz e desabou completamente como vanguarda funcional da evolução.

Bem-vindo a um mundo pós-verdade.

E cabe a pergunta: para onde vamos agora?

PARTE III – O FUTURO IMEDIATO

Para onde vamos agora?

Portanto, a questão crucial neste momento é: o que faremos a seguir? Como pode a evolução, que fez uma pausa deliberada em sua dinâmica em curso, a fim de remodelar seus fundamentos de forma muito mais adequada e precisa, avançar a partir do que parece ser, na superfície, uma completa derrocada (representada, mais visivelmente, mas não de forma exclusiva, pela eleição de Trump)?

Há passos que precisam ser dados em cada nível fundamental de desenvolvimento (na verdade, em cada elemento fundamental da matriz AQAL). Mas estamos aqui examinando o principal fator dessa derrocada, ou seja, o colapso desconstrutivista da vanguarda verde, que tem de buscar um reajuste autocorretivo, a fim de encontrar uma base mais sólida para uma auto-organização progressiva por meio de autotranscendência.

No que concerne à disfuncional vanguarda verde propriamente dita – a fonte primária do problema (além de milhares de fontes secundárias) – há duas principais formas possíveis de avançar, cada uma das quais traz alguma esperança para aliviar o engarrafamento da vanguarda. A primeira, a mais provável e menos eficaz, envolve o tratamento dessa vanguarda despedaçada

– um movimento do Verde sobre o Verde visando a autocura e autocorreção. O Âmbar e o Laranja estão fazendo mais ou menos o que se espera que façam, operando dentro das limitações (muitas vezes graves) do seu próprio nível (embora ambos também tenham sofrido com a excessiva intromissão de um Verde fragmentado e que, categoricamente, precisa ser corrigida como parte da cura verde). Mas o Verde, como vimos, chegou ao fundo do poço. Em sua intensa loucura aperspectiva, ele tem aumentado e estimulado sua própria loucura e infligido esse mal a todas as áreas possíveis da sociedade. O principal sintoma disso é um generalizado julgamento negativo e a condenação de qualquer coisa âmbar e laranja (tudo que não seja verde). O Verde não demonstra nenhum entendimento de como, e por quê, esses níveis de ser e consciência são estágios necessários para o crescimento e desenvolvimento global de um ser humano – uma pessoa chega ao Verde só porque primeiro passou pelo Âmbar e depois pelo Laranja... para então alcançar o Verde. Sem o Âmbar, sem o Laranja, não existiria o Verde. Você consegue perceber a insanidade suicida do Verde ao odiar o Âmbar e o Laranja?

Mas, para o Verde, esses dois grandes blocos (que, em geral, são fundidos, uma vez que o Verde não tem a menor noção de estágios individuais de desenvolvimento) são a principal fonte das forças opressoras que transformam as pessoas verdes, por toda parte, em "vítimas", e contra os quais toda reação é válida, desde uma agressiva correção política, à criminalização de cada "microagressão" imaginável, à transformação de cada centímetro quadrado do país em um "espaço seguro" anti-etnocêntrico, à tentativa de abolir a diferenciação necessária porque a confunde com opressão (isto é, o Verde acha que quaisquer "diferenças" identificadas entre grupos transformam-se, automaticamente, em fonte de discriminação e opressão, e, portanto, nenhuma diferença deve ser aceita: elas são apenas "construções sociais" – e é verdade, algumas são; mas outras não, e esta atitude apenas imagina mais vítimas por toda parte. O verde não culpa as vítimas, mas, muito frequentemente, as cria).

A ação sensata em resposta à presidência de Trump é, justamente, uma abertura e um abraço deliberadamente mais amigável entre cada um dos principais estágios de desenvolvimento encontrados nos adultos. Este é um convite a uma verdadeira "inclusão", não à versão verde de "inclusão", que trata de excluir agressivamente todos que não são verdes (considerados deploráveis). O Verde quer ser inclusivo; teoricamente, condena qualquer marginalização; alguns de seus defensores chamam-no até de "cultura integral". Mas, na verdade, o Verde odeia o Laranja; e odeia o Âmbar; e odeia duplamente a 2ª Camada (porque o estágio integral reintroduz versões sadias de todas as coisas contra as quais o Verde lutou, inclusive um salutar crescimento holárquico que ele considera o cerne da opressão, já que confunde totalmente hierarquias de dominação com hierarquias de crescimento – uma descoberta feita e corrigida pelo estágio integral).

Mas agora estamos considerando a possibilidade de que o próprio Verde possa curar-se, reconfigurar-se e, assim, retomar seu papel como legítimo líder da vanguarda da evolução (uma cura que certamente incluirá muitas ideias

verdadeiramente integrais, mas sem atingir diretamente a 2ª Camada [Integral] – que é a outra opção que examinaremos daqui a pouco).

O famoso pesquisador de opinião Frank Luntz disse: "Esta [vitória de Trump] é um convite ao despertar coletivo para todos os níveis de governo. Governadores, congressistas, prefeitos – todos – precisam fazer um retiro onde possam trabalhar juntos para trazer paz à população. Importante: não se trata de reconciliação entre os funcionários do governo, o que, em si, é necessário. Mais que isso, trata-se de facilitar que seus eleitores se reconciliem. Trata-se de reunir pessoas, criar pontes entre nossas divisões e cuidar de nossas feridas. Este é o propósito da verdadeira liderança."

De fato, além de definir uma educação eficaz, um papel fundamental de uma vanguarda é prover *liderança* autêntica. Especialmente em um mundo imerso em loucura aperspectiva (onde não há verdade e, portanto, nenhuma base real para qualquer rumo genuíno), somente uma liderança que contrarie as correntes predominantes que não levam a lugar algum pode proporcionar um avanço – a liderança autêntica encara um mundo de "não há verdade", "não há rumo", "não há valores" e diz: "simplesmente não é verdade que não há verdade; com certeza, há verdade, e ela vai *nesta* direção" – e é tão radiantemente genuína e atraente, a ponto de prover um caminho crível para um futuro incerto, galvanizando uma imensa quantidade de pessoas a seguir em frente.

E neste ponto da evolução e do desenvolvimento, essa liderança, para ser verdadeiramente eficaz e baseada numa realidade genuína, deve levar em conta as verdades "verdadeiras, mas parciais" do próprio pós-modernismo (bem como as do tradicionalismo e do modernismo) – *mas deve fazê-lo em suas formas moderadas, concretas, não radicais e não contraditórias* que, originalmente, incluíam meios realmente efetivos de aumentar a quantidade de perspectivas e diminuir a marginalização. Na verdade, expandindo esse ponto até o fim, o Verde somente poderá curar-se, de fato, protegendo profundamente os sistemas de valores agora amplamente fragmentados (especialmente os três fundamentais – Âmbar, Laranja e o próprio Verde, mas em uma forma sadia – já que, atualmente, eles estão colericamente envolvidos em guerras culturais totalmente nucleares). Somente com uma atitude tão fundamentalmente compassiva, que abrace sinceramente cada um deles com genuína boa vontade ao invés de profunda repugnância, o Verde conseguirá realmente curar-se, e, assim, a vanguarda, mais uma vez, poderá começar a funcionar como um autêntico sistema de orientação para uma auto-organização eficaz.

Muito mais sobre essa questão à medida que prosseguirmos. Mas permita-me, neste ponto, fazer uma breve digressão acadêmica sobre como os três princípios teóricos centrais do pós-modernismo – a saber, o contextualismo, o construtivismo e o aperspectivismo, que começaram (os três) com o importante conceito de "verdadeiro, mas parcial" e depois se radicalizaram e contribuíram diretamente para a contradição de desempenho que nos fez aterrissar na loucura aperspectiva com seu niilismo e narcisismo – podem ser realocados em suas formas mais moderadas, eficazes, não contraditórias e "verdadeiras, mas

parciais". E eles poderão, e deverão, ser totalmente incluídos como uma parte fundamental da cura disfuncional do Verde atual e de seu retorno a uma postura mais sadia e funcional. O ponto é que, como parte do requisito geral para o Verde abraçar compassivamente cada um dos principais estágios do desenvolvimento humano (Âmbar, Laranja e Verde), ele deve começar por seus próprios valores verdes – valores que simplesmente precisam ser depurados de suas formas radicais, autocontraditórias, viciosamente desconstrutivistas. E ele terá de fazê-lo antes de passar a incluir efetivamente os sistemas âmbar e laranja, anteriormente tão desprezados por um Verde enfermo. Assim, após um breve *tour* acadêmico por esse tema, seguiremos diretamente para o que tudo isso significa em linguagem clara. Primeiro, bem rapidamente:

Contextualismo: toda verdade depende do contexto (mas alguns contextos são universais e, portanto, a verdade universal realmente existe; o fato de que toda verdade é contextual é, em si, um contexto universal! Pare de considerar todas as realidades interculturais como opressoras e olhe para os muitos padrões comuns que se conectam e que apontam, assim, para caminhos que nos permitam sair de um mundo cada vez mais fragmentado e desunido).

Construtivismo: toda verdade não é meramente dada; é, de fato, coconstruída (mas uma coconstrução que inclui o que Wilfrid Sellars – o crítico mais bem-sucedido do "mito do dado", o mito de que o mundo dos fatos simplesmente existe por si só, esperando para ser descoberto por todos – reconhece como as "características intrínsecas" do mundo, que fornecem fundamento universalizador e são a parte "co" da "coconstrução" do conhecimento. Em suma, a "construção social da realidade" não significa que "não há verdade real", mas sim que a natureza e os contextos do conhecedor são parte intrínseca do processo de conhecimento; mais ainda – e o mais importante – eles nos abrem para o estado incrivelmente sofisticado do mundo, quando cada diferente nível genealógico de desenvolvimento "coconstrói" um mundo diverso – algo que exige a inclusão de todas as visões de mundo desenvolvimentistas em qualquer busca abrangente de conhecimento. E a lição geral aqui é: tentar fazer o seu mundo cocriado – e, portanto, a sua liderança – originar-se do mais alto nível de desenvolvimento possível, porque cada nível superior contém "não a verdade", mas "mais verdade", uma vez que cada estágio mais elevado "transcende e inclui" seus antecessores).

Aperspectivismo: não há perspectivas a-históricas, pré-dadas e privilegiadas em nenhum lugar; esta é a parte "verdadeira" do aperspectivismo (e a parte "parcial" é que cada novo nível de desenvolvimento aumenta o número de perspectivas que a consciência pode assumir – desde uma perspectiva de 1ª-pessoa do Vermelho, para uma perspectiva de 2ª-pessoa do Âmbar, para uma perspectiva de 3ª-pessoa do Laranja, para uma perspectiva de 4ª-pessoa do Verde, para uma perspectiva de 5ª-pessoa do Integral inicial, para uma perspectiva de 6ª-pessoa do Integral desenvolvido, e além. Cada um desses estágios "transcende e inclui" seu antecessor, caracterizando a pulsão genérica ou Eros da própria evolução, a pulsão para a auto-organização por meio de autotranscendência. Assim, parafraseando Hegel, nenhuma perspectiva é

privilegiada, porque cada novo estágio emergente gera uma maior capacidade de assumir perspectivas; donde cada estágio é adequado, cada estágio superior é mais adequado: cada estágio é verdadeiro, cada estágio superior é mais verdadeiro ou contém mais perspectivas que revelam mais verdades. Daí por que, novamente, as virtudes de uma visão genealógica ou evolucionária/desenvolvimentista oferecem respostas tão poderosas à loucura aperspectiva de um caótico pós-modernismo verde. Desse modo, as verdades "verdadeiras, mas parciais" do pós-modernismo não podem ser negadas e devem ser "incluídas", como também as de todos os estágios anteriores, ainda que as "transcendamos" dramaticamente em um desenvolvimento integral de perspectivas cada vez mais abrangentes e inclusivas).

Hierarquias de dominação e hierarquias de crescimento

Muito bem, de volta ao mundo real. Um dos pontos mais simples aqui é que para que o Verde passe de sua condição extrema, disfuncional, nociva e patológica para um estado de capacidades sadias, vibrantes e verdadeiramente de vanguarda, é absolutamente central que ele cure sua confusão catastrófica entre hierarquias de dominação e hierarquias de realização. As hierarquias de realização (ou de crescimento) não são exclusivas e dominadoras, são inclusivas e integradoras. Em uma hierarquia de dominação, quanto mais alto o nível, mais ele consegue oprimir e dominar (como no sistema de castas ou em organizações criminosas como a Máfia). Nas hierarquias de crescimento (ou "holarquias"), acontece *exatamente o contrário*. Em uma holarquia de crescimento, a totalidade de cada nível torna-se uma parte incluída na totalidade do próximo nível mais elevado – assim como, na evolução, um *quark* inteiro torna-se parte de um átomo, um átomo inteiro torna-se parte de uma molécula, uma molécula inteira torna-se parte de uma célula, uma célula inteira torna-se parte de um organismo, e assim por diante. Cada nível é um todo/parte, o que Arthur Koestler chamou de "hólon". A crescente inclusão – inclusão genuína – de hólons e holarquias demonstra um direcionamento que está fundamentado na natureza e que tem funcionado desde o primeiro instante do *Big Bang*, uma orientação de auto-organização por meio de autotranscendência, que é a pulsão primária da própria evolução.

Outra maneira de expressar "transcender e incluir" é "diferenciar e integrar". Cada estágio de desenvolvimento diferencia-se do estágio anterior e, em seguida, integra as novas partes emergentes em uma ordem de nível superior. Assim, um único zigoto divide-se primeiro em duas, depois em quatro, depois em oito, depois em dezesseis, depois em trinta e duas, etc. células diferenciadas que, após serem geradas, são integradas em sistemas inclusivos – um sistema nervoso, um sistema muscular, um sistema digestivo, e assim por diante, todos eles interligados no organismo global. Cada estágio desse processo de crescimento vai além do (ou transcende o) estágio prévio, mas também o inclui ou abarca, e faz isso diferenciando-o e integrando-o.

Ao introduzir uma perspectiva de 4ª-pessoa que consegue refletir sobre – e, portanto, criticar a – perspectiva laranja de 3ª-pessoa, a façanha do Verde foi começar a diferenciar os sistemas laranja, monolíticos, estáticos e impermeáveis, produzindo não um único sistema mundial, mas uma rica textura multicultural com uma variedade quase ilimitada de sistemas distintos. Essa foi a parte "verdadeira". A parte "parcial" foi que, embora pudesse diferenciar esses sistemas, não conseguiu integrá-los (nem suas partes recém-criadas). O Verde não vislumbrou nada além do que uma diferenciação cultural desordenada e, como não percebeu nenhuma holarquia, inclusão ou integração verdadeiramente crescente, simplesmente imaginou que todas as culturas fossem absolutamente iguais – daí seu "igualitarismo", que, na verdade, representou sua incapacidade para descobrir padrões mais profundos (ou mais elevados) que se conectam, as holarquias integradoras que uniriam os vários sistemas mundiais, possibilitando e facilitando suas interações. (Vimos que o Verde realmente não acreditava nessa ideia, pois achava que sua visão da situação era, definitivamente, muito melhor do que qualquer outra – sua visão era superior em um mundo onde nada deveria ser superior – exceto o "igualitarismo". Mas ele não podia reconhecer oficialmente que sua visão fosse superior, por exemplo, a do Laranja moderno, porque negava todas as hierarquias – não apenas as hierarquias de dominação, mas também as hierarquias de crescimento; daí sua contradição de desempenho ao expressar claramente uma visão hierárquica, ao mesmo tempo que negava todas as visões hierárquicas). Somente com o "salto monumental" para a 2ª Camada (Integral) é que as holarquias de realização se tornarão um reconhecido aspecto-padrão das "características intrínsecas" do mundo real.

Mas somente o Verde – o Verde sadio – pode corrigir sua confusão entre holarquias de realização e todas as hierarquias realmente sórdidas de dominação. Justamente por negar, desnecessariamente, a profundidade holárquica é que o Verde não tem noção de direção – nenhuma perspectiva é mais inclusiva do que outra e, portanto, não há verdade disponível. E com isso, a vanguarda desmoronou por completo, viciosamente esmagada por uma contradição de desempenho que a fez soçobrar em uma loucura aperspectiva, que, então, passou a orientar um mundo que está ficando meio doido. A introdução das holarquias de crescimento – literalmente em todas as áreas onde ocorrem crescimento e desenvolvimento autênticos (que é a maioria) – permitiria ao Verde compreender a real concepção do que significa *direcionamento*: não apenas um aumento horizontal de *aptidão* para todos, mas um aumento vertical de *altitude* para todos.

E há uma razão verdadeiramente simples para que a introdução de holarquias de crescimento seja tão crucial para um efetivo passo adiante. O Verde está, com razão, preocupado com as hierarquias de dominação. Mas as pesquisas mostram com incrível clareza que as únicas pessoas que se envolvem em hierarquias de dominação são as que estão nos níveis mais baixos de hierarquias de crescimento. Somente alguém no estágio egoísta (egocêntrico) ou cuidado (etnocêntrico) de Gilligan deseja dominar e oprimir. E, correlatamente, aqueles que criticam e rejeitam as hierarquias de dominação (e,

historicamente, lutaram pela sua extinção) estão em níveis verdadeiramente mais altos de hierarquias de crescimento (Laranja, Verde e Integral). No nível de cuidado universal de Gilligan (ou mundicêntrico), você se importa com TODAS as pessoas, independentemente de raça, cor, sexo ou crença (mais ainda no Integral). Assim, quando o Verde rejeita todas as hierarquias (de dominação e de crescimento), consegue identificar com precisão o problema, mas, ao mesmo tempo, destrói completamente a cura.

Trata-se de um desastre cultural de primeira grandeza – responsabilidade que jaz diretamente na soleira de um Verde fraturado.

Assim, temos um dos maiores, mais difundidos e mais danosos desastres gerados pela loucura aperspectiva. Quando o Verde em geral – guerreiros sociais, ativistas da marginalização, feministas de todos os tipos, o liberalismo global, ONGs por toda parte – irrompeu em qualquer área e começou uma agressiva campanha de "abaixo todas as hierarquias!", muitos casos de opressão cultural foram, pelo menos no início, revertidos e desconstruídos – juntamente com todos os meios verdadeiramente eficazes para reconstruir a área oprimida. Ao destruir as holarquias de crescimento, destruiu o crescimento. (Ele dissolveu o *background* morfogenético de crescimento e desenvolvimento interior progressivo, substituindo-o por uma afirmação vazia de "especialidade" de todos os grupos marginalizados). Mas simplesmente afirmar repetidamente que "eu sou especial, eu sou especial", não contribui absolutamente nada para acabar com a verdadeira fonte da força opressora – outra catastrófica falha da vanguarda verde.

E, além disso, não são apenas os grupos marginalizados que precisam ter meios à disposição para processar um crescimento realmente transformador; em especial, todos aqueles que empregam força opressora, necessitam ser expostos a meios eficazes para abrir-se ao crescimento contínuo do egocêntrico para o etnocêntrico, para o mundicêntrico, até o integral (via, literalmente, centenas de técnicas, exercícios e práticas, já provadas, que aceleram o crescimento interior e a evolução). Ao invés de abordar a fonte real do impulso opressor – as dimensões interiores (ou do Lado Esquerdo¹⁰) do desenvolvimento reprimido – o Verde ataca os sintomas, o comportamento exterior (ou do Lado Direito¹¹) dos opressores, o que não tem nenhum efeito na extirpação do problema, mas, simplesmente, oculta-o, permitindo sua reformulação, regeneração e ressurgimento em outro lugar. (Obviamente, qualquer abordagem verdadeiramente efetiva atacará a opressão como ela se manifesta em todos os quatro quadrantes, bem como em todos os níveis – isto é, AQAL. Omitir totalmente metade das condições – e a metade mais importante, a própria fonte e causa do impulso interior – é, novamente, expressão de uma vanguarda profundamente falha.)

¹⁰ Referência ao Quadrante Superior Esquerdo (Interior Individual – Subjetivo – Intencional) e ao Quadrante Inferior Esquerdo (Interior Coletivo – Intersubjetivo – Cultural). (N.T.)

¹¹ Referência ao Quadrante Superior Direito (Exterior Individual – Objetivo – Comportamental) e ao Quadrante Inferior Direito (Exterior Coletivo – Interobjetivo – Social). (N.T.)

Uma das razões paradoxais por que é tão importante que nossa cultura compreenda os fundamentos genéricos de uma visão de desenvolvimento é que tal compreensão permite que as pessoas percebam, em primeiro lugar, os limites gerais. Todos os estágios da "1ª Camada" (Carmim [Infravermelho], Magenta, Vermelho, Âmbar, Laranja e Verde) acham que sua verdade e valores são a única verdade e os únicos valores legitimamente genuínos e importantes. Não é provável que isso mude fundamentalmente (não mudou nos últimos cem mil anos). Mas o grau em que essas crenças são mantidas, (e a agressão investida nelas), pode ser suavizado, evidenciado, dosado com um pouco de bondade e compaixão – e o exemplo deve vir da vanguarda. Essa é uma das coisas que uma vanguarda tem de fazer: por ser o nível de evolução "mais alto" no momento, *liderar* todos os níveis, prover uma direção que possa energizar a população em geral – e, se falha nisso, simplesmente não consegue liderar. Esse é exatamente um dos problemas que o colapso do Verde acabou gerando: todos os outros valores não foram encarados com compaixão sincera, mas sim agressivamente "desconstruídos", desativados e jogados no "cesto de deploráveis", e qualquer pessoa que acreditasse neles foi submetida à rude, vocal e implacável ridicularização. As "guerras culturais" (que, aliás, são, em essência, a luta entre o Âmbar, o Laranja e o Verde – entre a religião mítica tradicional, a ciência moderna e os negócios, e o multiculturalismo pós-moderno) – tornaram-se nucleares sob a liderança verde. O que o Verde ensina à nossa cultura, por exemplo, são formas sofisticadas de desprezar (e desconstruir) aqueles que discordam de você – eles não estão apenas errados; eles são a fonte de todas as principais forças de opressão, injustiça, escravidão e coisas piores. Você não quer incluí-los com bondade e compreensão; você quer, literalmente, desconstruí-los (enquanto chafurda em uma loucura aperspectiva, vangloriando-se a cada nova vitória que facilite uma infestação igual de insanidade aperspectiva em outras pessoas). O que tão desesperadamente precisa ser compreendido, a partir de uma perspectiva evolucionária e desenvolvimentista, é que cada *estágio de desenvolvimento* é uma *estação da vida* para aqueles que desejem saltar e ficar nela, e não há nada que possa ser feito a respeito – exceto certificar-se de que os meios para desenvolvimento posterior estejam amplamente disponíveis para todos (uma tarefa fundamental da vanguarda), e – tão importante quanto – abrir espaço na sociedade para os indivíduos que estão em cada estação (vermelha, âmbar, laranja, verde ou integral), amenizando a situação com enorme quantidade de bondade amorosa – e fazê-lo *dando o exemplo*.

O que o Verde deve aprender para ser uma vanguarda genuína

Na verdade, houve um moderado, mas perceptível, número de vozes verdes que parece ter realmente captado a mensagem central. Eu ouvi muitos indivíduos, verdes convictos, dizerem que a principal lição que tiraram desta eleição não foi o quanto abominaram Trump e desprezaram seus seguidores, mas o que fizeram a esse imenso grupo de pessoas que o elegeu – passaram a vida adulta, basicamente, olhando de cima para elas, zombando delas e

ridicularizando-as, quando o necessário seria compreendê-las genuinamente, incluí-las no diálogo, abrir-se para ver o mundo a partir de seu ponto de vista, dar-lhes espaço em seu mundo. E esse é exatamente o tipo de cura adequada que engloba a autocorreção almejada pela evolução. A vanguarda não pode liderar se despreza aqueles que, supostamente, lidera. Não consegue avançar um passo se não tem ideia do que significa um autêntico "avanço" (o que não consegue se não acreditar em "verdade"). Ela não pode alcançar um futuro melhor se negar "maior" e "menor" (holarquias de crescimento) e, ao invés, considerar todos os valores absolutamente iguais (como vimos, o Verde não acredita nisso de fato, porque acha, definitivamente, que seus valores são superiores – o que ele precisa entender é que a capacidade de adotar valores verdes é, em si, o produto de vários estágios de desenvolvimento ou de uma holarquia de crescimento e, portanto – mesmo que queira apenas ver mais verde sendo produzido – deve, categoricamente, ir atrás dessa genealogia ou holarquia de crescimento como um caminho legitimamente válido – e "autêntico" – para avançar em um mundo pluralista pós-moderno).

Este caminho à frente também envolveria acabar com a invasão de elementos verdes radicais em todos os outros estágios da 1ª Camada (Vermelho, Âmbar, Laranja e Verde). A doença da "loucura aperspectiva" tem de ser repensada e rejeitada em suas diversas formas. Como vimos em nossa breve digressão acadêmica, é verdade que todo conhecimento está ligado ao contexto (mas alguns contextos são universais e, portanto, alguns conhecimentos também); é verdade que todo conhecimento é construído (mas é coconstruído com fatores intrínsecos subsistentes no mundo real e, portanto, não é uma mera "fabricação"); e é verdade que nenhuma perspectiva é privilegiada (o que significa que quanto mais perspectivas forem incluídas, mais adequado e preciso será o mapa). Em termos de tecnologia, a Era da Informação (o correlato social do Quadrante Inferior Direito da onda de desenvolvimento cultural do Quadrante Inferior Esquerdo) foi logo infectada pela loucura aperspectiva e, como vimos, deixou de ter algoritmos que selecionassem o Bom, o Verdadeiro ou o Belo e, em vez disso, simplesmente realimentou as tendências narcisistas das pessoas. Como a revista *Time* afirmou: "A *Internet* mudou de personalidade. Antes era um *geek* com elevados ideais sobre o livre fluxo de informações. Agora a *Web* é um sociopata com Asperger. Se você precisa de ajuda para melhorar sua velocidade de *upload*, ela está pronta a auxiliá-lo com detalhes técnicos, mas se você lhe disser que está lutando contra a depressão, ela vai incentivá-lo a se matar. Psicólogos chamam isso de efeito de desinibição *on-line*, no qual fatores como o anonimato, a invisibilidade, uma falta de autoria e a comunicação em tempo real afastam a sociedade de costumes que ela passou milênios construindo. E a *Internet* está transbordando de nossos *smartphones* para todos os aspectos de nossas vidas." Isso se tornou tão ruim a ponto de, frequentemente, incentivar a regressão além do etnocêntrico, até arrebatamentos profundamente egocêntricos e narcisistas (e "narcisismo" não significa autoestima sadia e digna, mas sim valorizar e promover a si mesmo à custa dos outros).

O fluxo de informações totalmente aberto e acessível é um nobre ideal. Mas é justamente isto – um valor, um ideal. Entretanto, tanto quanto um livre

fluxo de dados, precisam ser disponibilizadas capacidades de indexação que "valorem" – que lidem com itens como o grau de profundidade, extensão de perspectivas (e, portanto, "quantidade" de verdades), holarquias de desenvolvimento e outros juízos de valor, que complementem sistemas supostamente "livres de valores". Vimos que o *Google* pesquisa informações principalmente com base em sua popularidade, de modo que as informações recuperadas refletem basicamente os preconceitos do maior número de pessoas. Uma opção de busca "menos popular", além da opção-padrão "mais popular", já seria um começo. Mas as formas pelas quais o mundo *on-line* incorpora e transmite sistemas de valores muito abrangentes – e muito limitados – precisam ser cada vez mais abordadas. Quando Douglas Rushkoff escreve um livro intitulado *Throwing Rocks at the Google Bus* [*Jogando Pedras no Ônibus do Google*, em tradução livre], você percebe que algo está profundamente errado.

Além de o Verde simplesmente cuidar de si mesmo e curar de fato sua loucura aperspectiva extremista, desconstrutivista e antipática (por exemplo, expressando seus três princípios fundamentais de forma mais moderada e saudável; ou distinguindo hierarquias de dominação de holarquias de crescimento, e, assim, encontrando um rumo para estabelecer uma liderança real), que medidas seriam exemplos de como um Verde estragado pode reparar os danos devidos à sua invasão dos estágios inferiores?

No que se refere à economia laranja, embora as análises exigissem um livro ou dois para serem completas (o que vale para qualquer nível), poderíamos começar pelo conceito econômico de renda anual garantida. Como observamos, tecnologicamente, o mundo está se dirigindo para uma situação verdadeiramente utópica, mas real, de extinção do trabalho, onde todos, de uma forma ou de outra, deverão ter garantido seu direito de receber o mínimo (material) para uma vida digna. Quanto mais cedo acontecer, melhor. Mas esta conjuntura vai levar a um considerável retrabalho de teorias e práticas econômicas. Isto é assim porque, em parte, um problema fundamental da maioria das teorias econômicas atuais é que elas ainda refletem, essencialmente, o materialismo científico dos séculos XVIII e XIX, quando foram criadas. Em suma, elas levam em conta apenas o exterior (riqueza material e dinheiro), e não o interior (consciência e cultura). O problema com o dinheiro é que ele pode comprar quase todos os artefatos dos quadrantes do Lado Direito (itens materiais ou físicos), mas não pode comprar praticamente nada interior ou dos quadrantes do Lado Esquerdo (consciência, amor, cuidado, compaixão, inteligência, valores, significado, propósito, visão, motivação, espiritualidade, percepções emocionais, ideias mentais). Desse modo, quando se calcula o PIB – que é, normalmente, considerado como um indicador do sucesso global das vidas individuais – nenhum desses itens realmente importantes é considerado, nem remotamente. Existe agora um descontentamento crescente e vocal que ressalta que os atuais índices econômicos não incluem coisas como atenção, parentalidade, realidades familiares/relacionais ou qualquer tipo de valores de vida (o que caracteriza o início de um inventário integral do que não está incluído nos índices). Quando decidimos que a sociedade proverá todos os elementos necessários a uma vida plena – e temos teorias, modelos e estatísticas que

começam a rastreá-los – exatamente que elementos serão esses? Um Verde avariado é a última onda que você desejaria que tentasse responder a essa pergunta.

E à medida que a vida humana alcançar e depois, digno de nota, ultrapassar a marca de cem anos, o que os indivíduos farão quando não tiverem mais de trabalhar? Isso é algo que cada cultura vai ter de responder de uma forma cabalmente eficaz – ou enfrentar um verdadeiro desastre. Novamente, meu ponto é que a loucura aperspectiva é exatamente o que não se quer como encarregada de encontrar essas respostas. (Minha visão, que expus pela primeira vez em *Boomerite*,¹² é que, depois que os seres humanos obtiverem todos os bens do Lado Direito que quiserem, o que irá sobrar para ser desejado, especialmente quando começarem a viver por um século ou dois? O que eles farão com todo esse tempo? E a resposta é: alterar seu foco de exploração do mero mundo exterior para os vastos mundos interiores de horizontes praticamente infinitos, saboreando todos os bens dos domínios do Lado Esquerdo. Ou seja, qualquer sociedade, para ser capaz de lidar efetivamente com pessoas que viverão centenas de anos, terá de gerar conhecimento sobre os muitos níveis e estados de consciência disponíveis, a fim de que elas possam buscar os incrivelmente vastos e maciçamente diferentes mundos interiores proporcionados pelas perspectivas quase ilimitadas dos estados e estágios mais elevados do ser – com o conseqüente aumento assombrosamente rico de consciência, felicidade, conscientização, amor, compaixão, alegria e bem-aventurança. Isto geralmente começa no território de uma visão integral – que discutiremos daqui a pouco – mas poderia ser antecipado por um Verde sadio e aberto.)

Enquanto isso, um detalhe técnico que os negócios laranja poderiam implantar já seria a flexibilização do enorme número de regulamentos que um Verde hipersensível instituiu. As pequenas empresas, em particular, estão fechando em número recorde, porque as tentativas do Verde de evitar que os funcionários se tornassem "vítimas" praticamente paralisaram boa parte de sua capacidade operacional sadia. Este é apenas um exemplo genérico do que estamos falando aqui, isto é, a diferença entre um benéfico cuidado e uma hipersensível obsessão (ambos verdes) que, ao tentar evitar *todo* o sofrimento de *todas* as condições de vida, efetivamente remove as próprias condições; e, como consequência não intencional, acaba aumentando o sofrimento, às vezes, enormemente (para colossal espanto do Verde).

Essa maior ênfase às desvantagens de uma hipersensibilidade enlouquecida certamente se aplica à correção política radical. A pulsão laranja pela liberdade de expressão versus a pulsão verde pela igualdade gerou demasiado "transcende" e insuficiente "inclui" – a liberdade de expressão individual e a ampla aquisição de conhecimento foram afogadas em favor dos direitos coletivos de uma igualdade global que não transcende e inclui a liberdade, mas sim transcende e a destrói, transcende e nega-a, transcende e

¹² Único romance de Ken Wilber que trata da patologia do Verde. (N.T.)

até a criminaliza. A cura para isto – bem, é tão óbvia que vou apenas dar um exemplo: este problema terá sido adequadamente abordado quando os grandes comediantes do nosso tempo estiverem novamente dispostos a se apresentar nos *campi* universitários. O mesmo vale para microagressão, gatilhos e espaços seguros – sua existência deve ser permitida somente se conseguirem enfrentar diretamente uma sátira.

Quanto ao efeito da loucura aperspectiva do Verde no estágio âmbar-etnocêntrico: este é o nível que realmente requer um propósito consciente por parte do Verde, se ele deseja curar de fato sua iniquidade (o que os teorizadores integrais chamam de "Meme Verde Mau") e tornar-se apto, mais uma vez, a ser uma vanguarda legítima. Isto requer, não concordar com o Âmbar, não agir sob a influência do Âmbar, não aceitar todas as ações do Âmbar, mas alcançar genuinamente a compreensão, a compaixão e a bondade humanas (ainda mantendo quaisquer ações âmbar-etnocêntricas que violem o bem-estar mundicêntrico passíveis de sanções de uma forma ou de outra). Mas isso implica um abrandamento sincero da visão generalizada de que eles são intrinsecamente "deploráveis" (que até seria admissível, se essa fosse uma escolha efetiva, mas não é: não se escolhe o estágio de desenvolvimento ou suas características; elas simplesmente vêm com o território do próprio estágio e persistirão – quer você goste ou não – até que ele seja transcendido. No que concerne a uma forma de "julgamento", o máximo que podemos fazer, usando sabedoria discriminatória mais desenvolvida, é proporcionar, na medida do possível, todos os meios de crescimento disponíveis, e, ao mesmo tempo, reprimir qualquer comportamento ostensivo – racista, sexista, homofóbico, misógino – proveniente de tal estágio. Mas isso não inclui julgar alguém que está em um estágio etnocêntrico como se ele, voluntária e alegremente, tivesse escolhido essas características como uma deliberada opção moral – no máximo, podemos sentir profunda compaixão por alguém que vive em um estágio inacreditavelmente limitado, sufocante e causador de sofrimento. E a partir de uma visão integral, a *compaixão* é a única atitude de julgamento que nos é permitida – a *única*.). No entanto, é justamente falta de compaixão, cuidado e compreensão que o Verde mutilado avidamente exhibe (na academia, na mídia, no entretenimento e na política liberal); e, mais do que qualquer outro ponto, foi essa atitude do Meme Verde Mau que gerou o enorme represamento de ressentimento que levou à vitória, previamente inimaginável, de Trump. (81% daqueles que se descreveram como "irritados" votaram em Trump. Oito em dez!)

Finalmente, como dissemos, o nível egocêntrico fala por si mesmo. Vou simplesmente acrescentar a ideia que apresentei com o conceito de "*boomerite*". Eu indiquei que, embora os *Boomers* fossem realmente conhecidos como a "geração eu" e a "cultura do narcisismo", eles não foram apenas uma geração de crianças caracterizada pelo narcisismo. Em vez disso, eles foram um nível de desenvolvimento muito elevado que foi infectado por um nível de desenvolvimento muito baixo. Foi o pluralismo verde infectado pelo narcisismo/egocentrismo vermelho. Foi uma condição – marcada principalmente pela geração dos *Boomers*, daí o nome de "geração eu", mas não é uma condição confinada aos *Boomers* – que é o resultado de uma extensa "falácia

pré/pós". Essa falácia ocorre porque tanto as realidades PRÉ-convencionais (como o egocentrismo) quanto as realidades PÓS-convencionais (como a autonomia e o individualismo) são NÃO convencionais e, portanto, são, fácil e frequentemente, confundidas e igualadas. Ou as realidades pré-convencionais são elevadas a verdades pós-convencionais (de forma que as posturas narcisistas e egocêntricas são consideradas expressões muito elevadas de uma individualidade totalmente autônoma), ou as realidades pós-convencionais são reduzidas a modos infantis pré-convencionais (de forma que os indivíduos pós-convencionais não conformistas são acusados de narcisistas e de se autopromover). "*Boomerite*" é uma variedade do primeiro caso, ou elevacionismo, onde – precisamente devido à postura pluralista/relativista da loucura aperspectiva – todas as posições foram consideradas igualmente aceitáveis e, assim, um narcisismo muito baixo pôde se esconder em um individualismo autônomo muito elevado. Vemos um exemplo em alguns dos protestos contra a guerra no Vietnã. Em um protesto em Berkeley, os estudantes alegaram em uníssono que suas objeções à guerra eram baseadas em princípios éticos universais – a guerra era moralmente errada e, portanto, deveria ser combatida. Entretanto, testes de desenvolvimento moral dos manifestantes mostraram que, embora alguns deles estivessem realmente em estágios pós-convencionais universais de desenvolvimento moral, a grande maioria – mais de 70% – estava em estágios de desenvolvimento moral pré-convencionais e egocêntricos (eles não queriam a guerra, não porque ela fosse moralmente errada, mas porque "ninguém me diz o que fazer!") – e isso é *boomerite*. Era uma cultura de narcisismo, mas um narcisismo oculto em ideais altamente desenvolvidos. Não era apenas o Vermelho; era o Verde infectado pelo Vermelho.

Vimos o que esse ponto fraco narcísico fez à cultura desde que o Verde se tornou vanguarda, e como suas dimensões patológicas começaram a desconstruir disfuncionalmente qualquer coisa em seu caminho. A educação em particular foi duramente atingida por essa corrente de narcisismo e, desde então, ela não funciona bem. E não apenas em suas versões extremas, como abolir completamente as notas e premiar todo mundo; há exemplos de estudantes que, literalmente, não sabem ler sendo aceitos nas universidades; isto afetou pandemicamente a educação em todos os níveis. O movimento de desenvolvimento da "autoestima" é um exemplo clássico, resultando em uma classe de formandos de graduação que expressou o maior grau de narcisismo desde que o teste foi iniciado. A partir da crença do Verde de que, já que nenhum valor é realmente real, todo valor é igualmente verdadeiro (porque igualmente falso), conclui-se que essa patológica loucura aperspectiva simplesmente tem de ser curada, e uma sabedoria discriminatória, reintroduzida.

Dado que o Verde é a atual vanguarda (de má qualidade), com cerca de 25% da população, seu número bastante expressivo torna-o, pelo menos, um possível candidato a fazer essa mudança em si mesmo, uma vez que agora ele está amplamente consciente de que algo está muito, muito, errado com o que vem fazendo (e a eleição de Trump consolidou esta suspeita – para cada Verde que simplesmente o culpa e o odeia, outro Verde começa a se perguntar o que

fez para criar essa situação). A percepção de que a elite verde urbana, não apenas o estágio âmbar rural etnocêntrico, levou à eleição de Trump, está surgindo lentamente (uma dinâmica que praticamente ninguém viu, daí o choque com o ocorrido – e uma dinâmica que o Verde tem profunda dificuldade para compreender, e até admitir).

Eis um exemplo dessa lenta, mas amplamente crescente, compreensão da cumplicidade do Verde na eleição de um Trump âmbar-etnocêntrico – e uma indicação de que a pulsão de autocorreção da evolução está realmente dando certo. Em um artigo *on-line* intitulado "The Revolution Must Be Felt" ["A Revolução Deve Ser Percebida", em tradução livre], o afro-americano Jeremy Flood (cofundador de *At the Margins*), após enfatizar que a eleição de Trump foi a vitória de uma corrente etnocêntrica, muito perceptivamente confessa: "Na mesma linha, nós [os liberais] devemos reconhecer que a forma como nos referimos à base de Trump, a forma como enfatizamos seu apoio por parte de pessoas 'sem formação universitária', a forma como abordamos superficialmente a premissa da América rural branca, baseiam-se nessa mesma inferência prejudicial. **Nosso ódio por essas pessoas é, em sua própria essência, classismo** [negrito dele]. Isto deve ser sempre salientado. O desprezo pelos *ruralites* brancos está gravado no tecido do léxico liberal moderno. Nós os consideramos como receptáculo de todo constructo opressor que o liberalismo acadêmico tem buscado dismantelar [isto é, a única grande causa de todas as formas de opressão] – da religião fundamentalista ao nacionalismo *sine qua non*, à desconfiança geral na ciência. Nós esculpimos essas pessoas como uma caricatura de ignorância bárbara. E aí, quando pedimos seus votos, esperamos que elas não tenham notado. Ao contá-los como garantidos, enquanto exibíamos sem rodeios nossa hostilidade, nós as empurramos para o precipício e, depois, observamos, chocados, quando elas pularam."

Exatamente um dos pontos que tenho ressaltado. Flood continua: "E se o nosso próprio classismo nos impede de cuidar das necessidades emocionais daqueles que ridicularizamos como deploráveis, não somos realmente progressistas". Ele explica:

Você discorda da essência desta narrativa? Você está louco para mostrar como os pontos de vista [deles] são errados, subprodutos do sexismo, da atenção injusta da mídia e de padrões dúbios? Eu também. Não importa! Esta foi a narrativa que vendemos a milhões de pessoas. E elas nos disseram o que acharam dela. Perdemos Michigan. Perdemos a Pensilvânia. Perdemos Ohio. Os escombros da *Unionland*. Como chegamos até aqui?

Como realmente? Diz Flood, "*Pundits* podem discutir para sempre sobre se foi a ansiedade econômica ou a racial que provocou a explosão. Mas eis o que interessa: **a Esquerda falhou** [negrito dele]. Falhamos, não porque não tivéssemos os fatos do nosso lado, não porque nossas políticas não fossem melhores para a classe trabalhadora, não porque os caipiras da horda trumpiana fossem por demais racistas para enxergar a realidade. A Esquerda falhou porque

a história que vendeu não foi suficientemente convincente para superar esses *não tão novos* ressentimentos [italico dele]."

Sim, ressentimento. Flood observa que "Solidariedade é uma história. É composta por nossas ações e nossa autenticidade. Trata-se de uma identidade coletiva [mundicêntrica] e de uma luta coletiva. Não somos 'mais fortes juntos' quando metade de nós é 'deplorável'." Amém, irmão. "Adotamos um estilo de política acadêmico e impessoal (pós-estruturalista pós-moderno) e, por meio de nosso tom e narrativa, o Partido Democrata veio a incorporar exatamente o tipo de hierarquia elitista que foi criado para extinguir."

Direto ao ponto. E, como vimos, uma das principais razões para isso acontecer é que sempre que negamos hierarquias de crescimento, automaticamente, inevitavelmente e por padrão, fortalecemos as hierarquias de dominação. Sem uma corrente que contrabalançasse nossas inclinações e tendências e nos direcionasse para nossas mais elevadas possibilidades mundicêntricas e integrais, escorregamos para nossos menores denominadores comuns, nossos impulsos egocêntricos e etnocêntricos. (E quando conceitos originalmente mundicêntricos regridem para ostentações etnocêntricas, eles incorporam o sabor de todas as produções do estágio âmbar: uma atitude absolutista, fundamentalista, de "verdade única", e a aceitamos com um fervor religioso que nos aprisiona. Vimos isso acontecer com a própria ciência – à medida que resvalou para o materialismo científico e o cientificismo reducionista âmbar; com o feminismo – para muitos, ele se tornou uma religião absolutista, onde o menor desacordo é visto como profundamente demoníaco; com o Marxismo – à medida que descambou para uma fanática religião *de facto* para milhões: enquanto a religião pode ou não ser o ópio das massas, o Marxismo tornou-se o ópio dos intelectuais; e também vimos isso acontecer com muitas ideologias políticas, mesmo aquelas provenientes do Laranja ou do Verde, que, quando aferradas a um fervor incontestável e a um entusiasmo absolutista, escorregaram para suas mais baixas demonstrações etnocêntricas e até mesmo egocêntricas, beirando o desastre.) Quando isso acontece, esse deslizamento das holarquias de crescimento para hierarquias de dominação é profundamente inevitável – e catastrófico, quando proveniente da própria vanguarda. Não é de admirar que a evolução implodisse.

Embora vários indivíduos verdes anteriormente disfuncionais, como o próprio Flood, estejam começando a perceber o papel que desempenharam na vasta maré de ressentimento que desembocou na eleição de Trump, poucos deles, até agora, compreendem completamente a necessidade de holarquias de crescimento para realmente inverter a tendência. A negação das hierarquias em geral é uma característica inerente à onda pluralista/relativista – ela simplesmente recua horrorizada ao pensar que algumas posições possam ser "superiores" ou "melhores" ou "mais valiosas" do que outras. *Qualquer* "julgamento" ou "classificação" é visto como o cerne da opressão, injustiça e impulso perverso. Graves achava que, porque o Verde é o mais elevado dos estágios da 1ª Camada – e porque hierarquias nidiformes ou holarquias são amplamente introduzidas como uma característica intrínseca aos estágios

integrais da 2ª Camada – o Verde apresenta uma hipersensibilidade a todas as hierarquias, de forma que abordará essas recém-estabelecidas hierarquias com prevenção e cautela adequadas, até atingir o estágio integral. Uma vez que as hierarquias de dominação são, de fato, a fonte de muita, senão toda, opressão e injustiça social, o Verde precisa aprender a manter a guarda fechada para qualquer julgamento, classificação ou valorização de tendências, e motivar-se a desfazê-los onde quer que se apresentem.

Mas esse ponto de vista, em sua forma irrefletida e extrema, é apenas uma reação inicial, reflexa, por parte do Verde – e ele realmente não acredita nele para tudo, como vimos. A única forma de o Verde poder chegar à conclusão de que, por exemplo, juízos de valor são ruins, é desenvolver uma série de juízos de valor sobre eles. Do mesmo modo, o Verde tem um sistema de classificação que classifica "não classificar" como melhor e mais valioso do que "classificar" – o que é, em si mesmo, uma classificação. É uma hierarquia, ou juízo/classificação de valores, muito poderosa que coloca "hierarquias" em seus níveis inferiores e "nenhuma hierarquia" em seus níveis mais altos. Ele acredita, como já resumimos anteriormente, que sua visão é definitivamente superior em um mundo onde nada é supostamente superior. Isto não caracteriza "nenhum julgamento", mas sim um julgamento bem definido e fervorosamente adotado!

Portanto, o que o Verde precisa aprender a fazer, depois de superar sua reação inicial e irrefletida contra todas as hierarquias e todos os juízos de valor, é perceber que ele é capaz de chegar a essa conclusão porque tem sua própria versão de juízos de valor e atitudes hierárquicas – que são impossíveis de serem evitados. Assim, em vez de fingir livrar-se completamente dos julgamentos, das classificações e das hierarquias – o que o Verde não consegue realmente fazer, daí por que continua a expressar suas próprias versões – precisa distinguir entre o que seja uma forma hierárquica de julgamento boa, verdadeira, legítima – que ele tende a possuir (comparado a estágios anteriores) – e uma forma hierárquica corrompida, dominadora, opressora e injusta (que os estágios inferiores inerentemente possuem). E fazendo isso, surge claramente a distinção entre hierarquias de realização (ou de crescimento) versus hierarquias de dominação (ou opressoras). E as holarquias de crescimento têm a profunda vantagem de seguir diretamente uma verdadeira genealogia, uma verdadeira corrente evolutiva, um verdadeiro processo de desenvolvimento que se desdobra em cerca de seis a oito principais estágios cada vez mais inclusivos, cada vez mais amorosos, cada vez mais cuidadosos e cada vez menos dominadores, menos opressores, menos injustos – e que resumimos como o crescimento, sempre expansível, do egocêntrico para o etnocêntrico, para o mundicêntrico, para o integral.

Usando essas holarquias de crescimento, um Verde sadio poderá ver imediatamente que elas são, de fato, a base real de seus julgamentos e classificações originais – que essas hierarquias de crescimento são o que realmente ele tem em mente quando condena as hierarquias de dominação. Não significa parar completamente de fazer julgamentos – o próprio Verde os faz a cada momento. Significa deixar de fazer julgamentos racistas, sexistas,

misóginos, homofóbicos, xenófobos e preconceituosos em geral (isto é, deixar de fazer julgamentos etnocêntricos) e começar a fazer julgamentos mundicêntricos, abrangentes e verdadeiramente inclusivos – julgamentos que se supõe que, com certeza, devem ser feitos! E tais julgamentos baseiam-se na necessária hierarquia de crescimento que precisamos para passar do etnocêntrico (e inferior) para o mundicêntrico (e superior), se quisermos alcançar e expressar nossos potenciais mais verdadeiros. Portanto, pare de fazer julgamentos e classificações etnocêntricos e passe a fazer julgamentos e classificações mundicêntricos/integrais. Ah, agora tudo se encaixa!

Além do mais, percebendo isto, o Verde imediatamente se livra de suas contínuas contradições de desempenho. Dando apenas um exemplo notório: livra-se de suas intermináveis afirmações de que é universalmente verdadeiro que não há verdade universal. Ora, o que Verde quer realmente dizer é: já que toda verdade tem uma dimensão histórica (o que, em si, é uma verdade universal), e já que no passado o que foi assumido como "verdadeiro" era, em geral, uma "verdade" parcial, preconceituosa e intolerante, que marginalizou e oprimiu vários grupos, então queremos estar conscientes dessa possibilidade desagradável, indicar esses fatores, e quando o fizermos, ressaltar que eles se aplicam a todas as culturas, em todos os tempos, em todos os lugares. E, portanto, o que estamos realmente dizendo é que há algumas verdades mundicêntricas universais que nos ajudarão a combater e prevenir verdades etnocêntricas e opressoras. Apresentados sob essa luz, todas as classificações e juízos de valor verdes sobre os horrores da verdade etnocêntrica podem fluir de uma maneira totalmente não contraditória e veraz. E, quando isso acontece, eles estão de fato expressando verdades universais (verdades que se tornam disponíveis no nível verde e expressam perspectivas que são enagidas¹³ e se manifestam nesse nível pela primeira vez). Já que o Verde provém de um estágio hierárquico bem elevado, ele consegue condenar e criticar as hierarquias de dominação que proliferam nos estágios mais baixos.

Eis a percepção global: superamos hierarquias de dominação por meio de holarquias de crescimento. Isto é fundamental para o Verde curar seu fraturado, avariado, artificialmente elitista e verdadeiramente opressor escorregamento para formas desastrosas e autocontraditórias próprias de ideologia absolutista e fundamentalista. E, assim, ser capaz de retornar a seu genuíno papel funcional como uma legítima vanguarda, liderando uma auto-organização coletiva da humanidade por meio de autotranscendência.

Desse modo, o processo de um Verde doente basicamente curar-se em seu próprio nível e retornar a seus princípios centrais e muito mais sadios, "verdadeiros, mas parciais", é uma possibilidade de avanço. Isso depende, *primeiro*, de que o Verde se desapegue de sua hostilidade perversa em relação a praticamente todos os estágios de desenvolvimento que o precederam. Não

¹³ Referente ao Princípio da Enação (ver o "Excerto B do Volume 2 da Trilogia Kosmos" em www.ariraynsford.com.br). O neologismo *enação* (e o correspondente verbo *enagir*), foi cunhado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela a partir da expressão espanhola *en accion*. (N.T.)

os deplorando, mas demonstrando empatia compassiva por eles. E *segundo* – e mais difícil: perceber que a verdadeira base de seu julgamento "negativo" sobre os estágios prévios é que eles são, de fato, menos inclusivos, menos envolventes, menos complexos e menos conscientes do que o Verde em sua forma sadia (porque são níveis mais baixos de crescimento e inclusividade). E isso é absolutamente fidedigno e está fundamentado em uma genealogia autêntica, um real desdobramento evolutivo. A reação saudável, correta e justa a tais realidades é uma atitude de aproximação, de abraço, de compaixão e de cuidado. Cada estágio superior – o Verde neste caso – intrinsecamente "transcende e inclui" seus predecessores. Desprezá-los, detestá-los, na verdade odiá-los, é "transcender e reprimir", "transcender e excluir", "transcender e ridicularizar" – quando, então, o direito e a capacidade de ser um verdadeiro líder são perdidos, o que, com certeza, aconteceu com o Verde.

O que dificulta a possibilidade de uma autocura é o fato de que o próprio Verde é um estágio de desenvolvimento real; é uma visão de mundo; e nesse sentido, funciona como um paradigma. E o problema com paradigmas é que, sejam funcionais ou disfuncionais, é notoriamente difícil livrar-se deles. Max Planck (criador do conceito de "quantum" de energia, iniciando, assim, a revolução da mecânica quântica) é considerado o primeiro a notar isto com a citação: "os velhos paradigmas morrem quando os crentes em velhos paradigmas morrem" – que eu parafraseio como: "a busca por conhecimento prossegue funeral a funeral." A questão, resumida sem rodeios, é que *boomerite* só pode morrer quando os *Boomers* morrerem. Mas ao ver os *Millennials* adotando muitos desses conceitos, às vezes de forma ainda mais radical, não parece que a morte esteja em posição suficientemente forte para nos livrar de algo realmente ruim.

Portanto, para que o Verde avance e inicie ações que conduzam a uma genuína autocura, os dois passos que resumi acima (libertar-se de seu ódio e hostilidade reativa contra todos os níveis anteriores, e fazê-lo adotando holarquias de crescimento que, intrinsecamente, combatem hierarquias de dominação), na minha opinião, são mandatórios. Minha sensação é que o primeiro passo será muito mais fácil – na verdade, ele já está sendo dado em muitos casos. Mas o segundo passo é enorme para o Verde; e para que ele possa ser amplamente implementado, é provável que, simplesmente, tenhamos de passar para a segunda grande possibilidade de avanço para a humanidade.

Voltarei mais tarde a minhas reflexões sobre exatamente qual é o caminho mais provável. Mas, primeiro, vamos em frente e exploremos essa segunda grande possibilidade para uma resposta eficaz à presidência de Trump (e por que ela de fato existe).

Outro modo de avançar: verdadeiramente integral

A outra possibilidade, que ajudaria a acelerar a presente dinâmica de autocorreção, seria acionar, diretamente, não um verde saudável (embora isso

sempre ajude), mas uma ponta de lança turquesa-integral. Este estágio se consolidará, aconteça o que acontecer, em um momento futuro. Mas não há nenhum motivo para que alguns de seus aspectos não possam começar a operar agora. A razão pela qual isso seria tão eficaz é que, enquanto o Verde luta e se esforça para ser mais aberto, abrangente e compassivo em relação a todos os níveis prévios (que atualmente existem na sociedade como estações da vida), o estágio integral faz isso automaticamente, naturalmente, de uma forma muito mais profunda, mais autêntica. Vimos que ele é o primeiro estágio de desenvolvimento em toda a história a perceber que todos os estágios são essenciais e significativos. O Integral não concorda necessariamente com eles, mas os aceita e inclui completamente (embora não inclua suas limitações) – no mínimo, cada estágio prévio é, de fato, uma etapa do desenvolvimento humano global, e nenhum deles pode ser ignorado ou pulado. Abominar estágios anteriores é profundamente, profundamente, suicida. O estágio integral reconhece que todos são importantes, ao passo que cada um deles acha que somente ele é importante.

É por isso que uma abordagem Integral (com letra maiúscula quando significa uma teoria e prática específicas) acabaria, quase automaticamente, com os desastres de uma loucura aperspectiva e restauraria a capacidade efetiva de liderança da vanguarda. Afinal de contas, é exatamente isso que o movimento autocorretivo da própria evolução está tentando fazer. E qualquer pessoa que adote uma postura Integral estará embarcando na própria vanguarda da evolução, com sua bondade, verdade e beleza.

A outra importante vantagem de uma vanguarda integral é que ela criaria um campo mórfico extremamente poderoso, que exerceria uma forte influência sobre o Verde para curar suas formas fragmentadas e doentias. Embora isso, por si só, não resolvesse diretamente cada imperfeição verde – o que só pode ser conseguido com as próprias ações e cooperação dele – ativaria um poderoso campo regenerativo que compensaria o seu mau funcionamento e, em muitos casos, ajudaria o Verde a curar-se. Em geral, este segundo modo de avançar tenderia a incorporar muito do primeiro, transcendendo-o e incluindo-o de uma forma mais abrangente (um modo ideal que conteria uma boa parte de ambos).

(Esta é apenas uma das coisas que uma ponta de lança integral poderia realizar. Mas os admiráveis efeitos de longo alcance de uma vanguarda verdadeiramente integral são tais que, hoje, mal conseguimos avaliá-los – e pela simples razão de que a humanidade nunca, em nenhum momento, passou por algo assim em toda a sua história. Nunca tivemos uma vanguarda que realmente abraçasse e incluísse cada estágio prévio. Não há precedentes; não temos ideia do que isso possa ser. É tão dramaticamente diferente de qualquer situação anterior, a ponto de quase cair na categoria de ficção científica. Vimos que, quando cerca de 10% da população atinge o nível da vanguarda, ocorre um "ponto de inflexão" e suas qualidades genéricas tendem a infiltrar-se ou permear toda a cultura. Já há cerca de 5% no estágio integral e pode-se chegar a 10% em uma década ou duas. Nessa época, haveria uma mudança transformadora nos domínios interiores, como a humanidade nunca, nunca, viu. A verdadeira

inclusão, que teorizadores sociais e políticos de pensamento avançado idolatram há muito tempo, considerando-a quase utópica, tornar-se-ia uma possibilidade muito real para a humanidade, pela primeira vez na história. Isto aconteceria quase ao mesmo tempo em que alcançaríamos algo que se assemelharia a uma Singularidade tecnológica – e, juntas, propeliriam o mundo para um evento transformador que, nunca antes, foi remotamente vislumbrado. Ele se colocará em oposição direta a muitas das atuais correntes degenerativas, degradantes, divisivas e decrépitas que são produto de uma profusão de estágios inferiores – que, entre outras coisas, impelem o terrorismo, as injustiças sociais como o tráfico de pessoas e drogas, o aquecimento global e a degradação ambiental – liderados por uma vanguarda que descarrilou desastrosamente. São tempos realmente perigosos. É por isso que o início de uma genuína Era Integral – em todos os 4 quadrantes – precisa ocorrer o mais breve possível. Eu poderia continuar indefinidamente, mas vou simplesmente deixar essa tantalizante possibilidade para sua imaginação. Destaco que este estágio integral, que já começou a surgir a pleno vapor em todo o mundo, tem criado, entre um grande número de coisas, teorias completas que se originam desse nível recém-emerso – como a Metateoria Integral, que eu represento, sendo uma das mais eficazes; mais de sessenta áreas do conhecimento humano estão sendo inteiramente reinterpretadas através de uma lente Integral, criando disciplinas como Negócios Integrais, Medicina Integral, Arte Integral, História Integral, Economia Integral, Educação Integral, Política Integral, e assim por diante – cada uma delas muito mais eficaz e inclusiva).

Um de nossos pontos centrais, válido para qualquer um dos dois grandes modos de avançar, é essencialmente o mesmo. Resumidamente: a vanguarda pós-moderna verde, por várias décadas, tem se degenerado para suas formas extremas, patológicas e disfuncionais. Como tal, é literalmente incapaz de atuar eficazmente como uma legítima vanguarda. Com sua crença fundamental ("não há verdade") e sua postura essencial básica ("loucura aperspectiva"), não consegue, de modo algum, liderar de fato, definir uma linha de ação positiva, sadia, eficiente e verdadeiramente evolutiva. Com a negação e a desconstrução de todas as hierarquias de crescimento, a evolução não tem nenhuma forma autêntica de crescer, não tem nenhum modo de avançar, a não ser hierarquias de dominação por toda parte, que reduzem efetivamente qualquer indivíduo que se queira a uma vítima. A vanguarda desabou; atualmente nos deparamos com um gigante acidente de trânsito envolvendo alguns bilhões de pessoas, um imenso engarrafamento na vanguarda da própria evolução, sabotando, praticamente, todo movimento que ela procura fazer. A evolução está com seus faróis gerando feixes de niilismo, que não iluminam nada, ou de narcisismo, que só conseguem iluminar a si mesmos. Sob essa liderança em geral perniciosa (o Meme Verde Mau), os níveis e estágios de desenvolvimento prévios passaram a sofrer hemorragia, decaindo para suas próprias formas de disfunção patológica. E isso não está acontecendo apenas em um ou dois países: está acontecendo no mundo inteiro.

Essa força culturalmente divisora e fragmentadora (no Quadrante Inferior Esquerdo) uniu-se a várias forças sistêmicas (no Quadrante Inferior Direito), com

um apelo tecnológico para indivíduos desagregadores, aprisionados em seus silos e câmaras de eco, e a um impulso interior (no Quadrante Superior Esquerdo) rumo a um crescente narcisismo. Com a falta de impulsos substitutos de coesão, unidade ou auto-organização nos quatro quadrantes, está ocorrendo uma regressão, historicamente quase sem precedentes, em praticamente todos eles. A evolução, em um movimento bem refletido de autocorreção, fez uma pausa e encontra-se no processo de retroceder alguns passos, reagrupando-se e reconstituindo-se para um prosseguimento mais saudável, mais unificado e mais funcional. O que, praticamente, impulsiona todos esses reajustes é uma profunda dinâmica antiverde, que atua como um campo mórfico que se irradia a partir da própria vanguarda dilacerada.

Donald Trump, mais do que qualquer outro fator (desconhecido para ele ou, provavelmente, para a maioria das pessoas, neste caso), cavalgou essas forças antiverdes rumo a uma surpreendente vitória presidencial. À medida que os estágios anteriores (Laranja, Âmbar ou Vermelho) foram, de várias maneiras e em vários graus, ativados por Trump, todos eles compartilharam uma coisa: a dinâmica antiverde (uma dinâmica que, como não foi reconhecida de forma significativa, transformou a vitória de Trump em uma surpresa assombrosa e inacreditável praticamente para todo mundo). E – embora Trump não vá se esforçar para entender os detalhes disto – à medida que cada um desses estágios trabalha para corrigir os desequilíbrios infligidos por um Verde radical e sua loucura aperspectiva, os efeitos globais dos eventos recentes podem se mostrar bastante saudáveis, permitindo que a evolução em geral se autocorrija, adote uma vanguarda que consiga realmente liderar, possibilitando, assim, que ela prossiga em sua marcha em curso de "transcender e incluir", uma auto-organização por meio de autotranscendência.

O futuro provável

Para que isso aconteça, não só os vários estágios prévios (Vermelho, Âmbar e Laranja) precisam se livrar da desordem da desconstrução causada a cada um deles por um Verde doentio, mas o próprio Verde tem de se curar, tem de se tornar realmente funcional, tem de rejeitar seu nihilismo e narcisismo, tem de abandonar sua loucura aperspectiva, tem de aprender a diferença entre hierarquias de dominação e holarquias de crescimento, e apresentar uma sabedoria discriminatória fundamentada no desenvolvimento. Desse modo, a evolução começará a avançar novamente de uma forma legitimamente auto-organizadora e autotranscendente.

A outra opção, um pouco diferente, é que a evolução dê um salto para um estágio integral de desdobramento como sua nova vanguarda, a qual iria, inerentemente, realizar todas as tarefas agora exigidas de um Verde regenerado. Este "salto" não representaria pular um estágio (o que não é possível), mas significaria edificar um estágio mais elevado sobre um antecessor enfermo, que está em desvantagem desde o início. A atitude integral, de qualquer modo, é

projetada para detectar e superar esses bloqueios com eficácia, e isso é algo que teremos de esperar para ver.

Entretanto, a linha de ação mais provável é uma mistura de ambas as opções. Isto não é uma evasiva, mas uma previsão meticulosa. O Verde simplesmente não pode funcionar, nem mesmo no seu próprio nível, se continuar na sua forma radical de Meme Verde Mau (rancorosamente vendo "deploráveis" por toda parte), hipersensível, politicamente correta ao extremo, disfuncional e patológica, em que está imerso agora. Suas contradições intrínsecas são cada vez mais percebidas e sentidas, e estão sendo exploradas formas de contorná-las (que incorporam as verdades parciais do Verde, mas não seus absolutismos radicais e patológicos). Já vimos que um dos efeitos imediatos da eleição de Trump foi que um número significativo de indivíduos verdes, ao invés de simplesmente lamentar e injuriar Trump e seus muitos apoiadores, passou a perceber que eles próprios devem começar a fazer a única coisa que antes desprezaram – têm de tentar se aproximar, compreender, incluir no diálogo e ampliar a cortesia elementar de compaixão, cuidado, até mesmo amor, para todo o "cesto de deploráveis" – o que despertaria um entendimento por parte do Verde de que ele próprio contribuiu diretamente para a raiva, o ressentimento, às vezes o ódio, que o núcleo de partidários de Trump expressou. Sim, muitos dos eleitores de Trump são, claramente, âmbar-etnocêntricos. Mas, com demasiada frequência, foi a atitude ridícula, desprezível e vingativa do Verde que contribuiu abertamente para transformar o Âmbar típico em um caldeirão fervente, profundamente ressentido, irado, até mesmo odioso. Assim, como observamos, foi o Verde fraturado, não apenas o Âmbar, que colocou Trump na presidência (uma dinâmica que praticamente ninguém percebeu, daí o choque universal com o resultado da eleição – e a profunda, profunda dificuldade que o Verde sente em compreender sua própria cumplicidade).

Mas essa mensagem "antiverde" está começando a penetrar em muitos verdes e, portanto, o campo mórfico antiverde está conseguindo seu efeito pretendido – o impulso geral em direção a um abrandamento e a um abraço inclusivo em cada estágio de desenvolvimento do espectro, um abraço que se torne evidente, até certo grau, para cada um deles, e que seja vivenciado exemplarmente pela própria vanguarda – se é que ela realmente almeja liderar.

Essa diminuição da hostilidade e vingança generalizadas do Verde em relação a todos os estágios de desenvolvimento prévios é o que identificamos como "o primeiro passo" para sua necessária autocura. Há, pelo menos, uma probabilidade aceitável de que isso vai – e até certo ponto já está começando a – acontecer. Por outro lado, "o segundo passo" – a percepção de que as holarquias de crescimento fornecem a base real para julgamentos de valor que o Verde já faz, e que essas holarquias também são os únicos meios verdadeiramente eficazes para substituir as hierarquias de dominação que o Verde coloca, corretamente, no último lugar da lista de anseios sociais – é um pouco menos plausível de ocorrer no próprio nível verde, pois, muito provavelmente, dependerá da transformação para a 2ª Camada (Integral). Minha forte suspeita, portanto, é que o Verde vai dar um bom primeiro passo por conta

própria, e que isso terá um efeito muito positivo sobre a cultura em geral. (E, inversamente, enquanto pelo menos este primeiro passo não for dado, à medida que a evolução redobra seus esforços para abrir caminho através dessas obstruções recalcitrantes, sua pulsão autocorretiva continuará a pressionar, pressionar e pressionar as questões existentes, levando a mais "catástrofes" tipo Trump.)

Mas o segundo passo provavelmente será dado apenas por comunidades integrais, após atingir 10% da população, o que acarretará um ponto de inflexão e impulsionará o estágio integral como a próxima vanguarda, com espantosas repercussões.

Contribuindo para esse crescimento e aumento de consciência verdadeiramente inclusiva, e sob o impulso de descobrir "o que virá após" o pós-modernismo, várias teorias e metateorias Integrais estão cada vez mais ganhando terreno, e onde quer que ajam, estão corrigindo, automaticamente, as disfunções verdes que descobrem. Em outras palavras, pouco a pouco, uma consciência Integral está ajudando a incorporar uma autocorreção evolutiva em suas próprias ações.

É esta visão Integral que desejo recomendar a todos que estejam prontos para tal. Ela, deliberada e conscientemente, inclui todas as perspectivas que encontra (literalmente) e, assim, não só fornece o bálsamo para um mundo meio enlouquecido por estilhaços e fragmentos isolados dos fatos, como também pode congrega inúmeras pessoas e várias abordagens para a realidade propriamente dita, resultando em visões gerais genuinamente abrangentes e integrais do Bom, do Verdadeiro e do Belo. A visão Integral baseia-se em estágios de desenvolvimento e evolução recém-emersos, mais inclusivos, mais unificados e mais envolventes (que "transcendem e incluem" todos os estágios anteriores, garantindo, assim, abrangência real) – e não se baseia meramente em uma ideia (como, digamos, o pragmatismo), mas fundamenta-se no território real de um nível de desenvolvimento do ser e da própria consciência – ou seja, no(s) estágio(s) integral(is). Ela nos provê meios de *Showing Up* (desabrochar para todas as nossas dimensões ou quadrantes do ser); *Growing Up* (crescer em todos os nossos níveis e linhas de desenvolvimento); *Waking Up* (despertar para todos os nossos estados de consciência, incluindo aqueles conhecidos por Iluminação, Metamorfose, Moksha, Satori, a Grande Libertação); e *Cleaning Up* (purificar nossos elementos de sombra que causam distúrbios emocionais epidêmicos). Ao abraçar tudo de ontem, ela nos abrirá para tudo de amanhã. E proporcionará uma vanguarda da evolução de uma forma que a humanidade, literalmente, nunca viu antes.

Esta será, de fato, a próxima, autêntica e genuína vanguarda, e sua inevitável emergência já começou. Ela carrega consigo a inexorável pulsão de "transcender e incluir" todos os estágios de desenvolvimento e estações da vida prévios que agora nela habitam – sem o inerente rancor que cada um deles, por conta própria, sente pelos outros. A humanidade nunca teve uma vanguarda assim em nenhum ponto anterior da história. É de fato "cataclísmica", "um salto

monumental de significado", e está aqui para cada um de nós abraçá-la e expressá-la, se assim o desejarmos. E é o único, certo e garantido bálsamo – se autenticamente vivenciado – para o estado de solidão, regressivo, repressivo, mesquinho e fragmentado no qual o mundo, hoje, está se afogando rapidamente.

Observando o quadro maior de forma mais ampla, a visão Integral nos permite escapar do sufocante sofrimento de nos concentrarmos unicamente na vitória de Trump. Por outro lado, sentir apenas desespero por causa dela, é deixar de ver as correntes maiores em ação no momento atual. Entender essa eleição – assim como acontecimentos semelhantes que ocorrem em todo o mundo – como manifestação de um impulso de autocorreção da própria evolução, à medida que ela contorna a vanguarda verde fragmentada e tenta restaurar sua capacidade para liderar de fato (ao mesmo tempo que começa, seriamente, a partejar a próxima vanguarda mais elevada, a integral) nos dá um vislumbre de esperança em uma situação desesperadamente sombria.

Nas partes mais profundas de nosso próprio ser, cada um de nós é completamente único com esta corrente evolucionária, este Eros, este Espírito em ação, radiante ao infinito e luminoso à eternidade, radicalmente pleno em sua superabundância transbordante e excessivo em suas boas graças, caindo dos céus, irrompendo dos mundos inferiores e abraçando cada um e todos em seu amor e cuidado ilimitados. E somos os únicos que deveriam ser autorizados a atuar politicamente para um amanhã maior – e que, portanto, devem atuar; e os únicos que realmente compreendem que não é necessário fazê-lo; que veem a completa plenitude da Grande Perfeição em cada momento da existência e que, no entanto, esforçam-se para compensar (ou ajustar por meio de liderança) a manifestação de mais, e mais, e mais, do Bom, do Verdadeiro e do Belo, aqui e agora, neste universo gloriosamente manifesto, momento a momento, sempre presente, sabendo muito bem que este mundo inteiro não é nada senão o sonho de um Espírito infinito, e que cada um de nós é precisamente este mesmo Espírito, sonhando o mundo do nosso próprio assombro.

E nós podemos tentar, interminável e incansavelmente, resolver este sonho... ou podemos, simplesmente, despertar.

Ou ainda – o verdadeiro e derradeiro segredo – podemos descobrir o abraço integral que realmente faz as duas coisas – liberta-nos totalmente (despertando-nos do sonho) e preenche-nos completamente (resolvendo o sonho) – milagrosamente executado em um único instante: agora, agora, infinitamente agora...